



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA ESPANHOLA A DISTÂNCIA**



LARISSA DA SILVA SANTOS LOPES

**ENTRE O SER E O ESTAR: A RETRATAÇÃO DA MULHER NOS
*CUENTOS DE EVA LUNA***

**MAMANGUAPE/PB
2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA ESPANHOLA A DISTÂNCIA**



LARISSA DA SILVA SANTOS LOPES

**ENTRE O SER E O ESTAR: A RETRATAÇÃO DA MULHER NOS
*CUENTOS DE EVA LUNA***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Espanhola da Universidade Federal da Paraíba como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras Espanhol.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Angela Maria Erazo Munoz

**MAMANGUAPE/PB
2021**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L864e Lopes, Larissa da Silva Santos.

Entre o ser e o estar: a retratação da mulher no
cuentos de Eva Luna / Larissa da Silva Santos Lopes. -
Mamanguape/PB, 2021.

54 f.

Orientação: Angela Maria Erazo Munoz.

TCC (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. América Latina. 2. Literatura e Escrita de autoria
feminina. 3. Isabel Allende. 4. Cuentos de Eva Luna. I.
Munoz, Angela Maria Erazo. II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 82

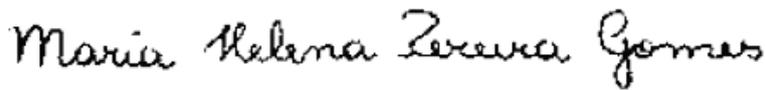
LARISSA DA SILVA SANTOS LOPES

**ENTRE O SER E O ESTAR: A RETRATAÇÃO DA MULHER NOS
*CUENTOS DE EVA LUNA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Espanhol da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Espanhol, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Profª. Dra. Angela Maria Erazo Munoz - UFPB
Orientadora/Presidente



Profª. Me. Maria Helena Pereira Gomes - UFPB
Membro da Banca Examinadora



Prof. Me. Daniel Gordillo Sánchez – PPGE/UFPB
Membro da Banca Examinadora

Para todas as mulheres que com os seus úteros viajantes ergueram as suas vozes e procuram a sua liberdade nessa sociedade discrepante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que permitiu que tudo isso fosse possível, ao longo de minha vida e não apenas nestes anos acadêmicos.

A minha família: mãe, pai, irmão, avós, avôs, tias, tios. A quem sou grata pelo apoio, incentivo, dedicação, encorajamento e força, não apenas durante o início da minha jornada dupla de graduação, mas durante todo o meu percurso acadêmico. Em especial a minha mãe Ione, pela paciência e compreensão que demonstrou nos meus momentos de estresse por não saber para onde direcionar a minha atenção, pois sempre acreditou que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me apresentasse.

Agradeço a todos os meus professores, do fundamental I ao ensino superior, por terem me proporcionado não apenas o conhecimento racional, mas a demonstração do caráter e afetividade educacional durante o processo de formação acadêmica e profissional. Vocês não apenas me ensinaram, mas me fizeram aprender. A palavra mestre jamais fará justiça aos meus dedicados professores, que terão meu eterno agradecimento.

À tutora/professora Maria Helena Pereira Gomes por estar comprometida pela qualidade e excelência do ensino aos seus alunos tutorados; saiba que os seus valiosos comentários, suporte, dedicação e atenção não apenas durante as disciplinas de Literatura Hispano-americana I, II e III, mas no decorrer dos semestres, foram essenciais para a escolha do tema deste trabalho.

À professora doutora Angela Maria Erazo Munoz, pela oportunidade enriquecedora que tive em tê-la como professora, orientadora; e por ser uma fonte de inspiração durante a elaboração desta monografia; pelas inestimáveis indicações, correções, suportes e ensinamentos que possibilitou o meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal.

Aos amigos, pela amizade incondicional e pelo apoio ao longo da minha jornada acadêmica e principalmente o durante o tempo em que me dediquei a esta monografia.

À Universidade Federal da Paraíba e aos seus docentes que, na perspectiva de ensino à distância, buscaram proporcionar um ensino de qualidade. Ao corpo Técnico-Administrativo do Polo Joselino Fentanes Guimarães e aos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu agradecimento.

“Silencio antes de nacer, silencio después de la muerte: la vida no es más que ruido entre dos silencios insondables”.

Isabel Allende

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, a representação da mulher fora do cenário literário patriarcal com base nos contos literários da escritora chilena Isabel Allende, onde também observamos como se dá a reação e o protagonismo das personagens femininas de Allende perante às atrocidades e injustiças às quais estão submetidas, tomando como ponto de partida um recorte de sua obra: *Cuentos de Eva Luna* (1989), mais precisamente nos contos *Dos Palabras* e *Walimai*. Em nossa pesquisa buscamos apresentar a América Latina através da perspectiva literária e escrita de autoria feminina e o universo literário de Isabel Allende. Suas obras, inspirações e como a autoria trata o machismo na América Latina a partir da sua literatura que protagoniza a mulher como sujeita da sua própria história, utilizando contextos reais para criar seus contos com conotação política, social e cultural. Neste sentido, nosso objetivo principal é trazer um olhar social da representação da mulher no interior da literatura latino-americana de autoria feminina. Além disso, refletir como a sociedade patriarcal influencia o exercício do poder, controle, força e violência contra as personagens femininas na literatura. Quanto à metodologia, definimos nosso estudo como uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa em que se fez o uso do método dialético, realizando um diálogo de argumentos e contra-argumentos com o objeto pesquisado, utilizando a pesquisa bibliográfica como procedimento técnico. O corpo teórico do trabalho conta com a contribuição dos estudos de: Navarro (1995), Piñon (2011), Guardia (2013), Guerra (1999), entre outros. Para que, por meio dessas autoras, possamos compreender a representação e o papel da mulher na literatura através da reescrita da história a partir da modificação de seu destino em contraposição à imagem estereotipada com o objetivo de dar voz às personagens silenciadas, recriando o perfil da mulher latino-americana que se diferencia da mulher europeia.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina. Literatura e Escrita de autoria feminina. Isabel Allende. *Cuentos de Eva Luna*.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar, desde una perspectiva interdisciplinar, la representación de la mujer fuera del escenario literario patriarcal, a partir de los relatos literarios de la escritora chilena Isabel Allende, donde también observaremos cómo se le otorga reacción y protagonismo a los personajes femeninos de Allende, ante el rostro de la atrocidades e injusticias a las que están expuestos, tomando como punto de partida una sección de su obra: *Cuentos de Eva Luna* (1989), más precisamente en los cuentos *Dos Palabras* y *Walimai*. En nuestra investigación buscamos presentar América Latina a través de la perspectiva literaria y escrita de la autoría femenina, y del universo literario de Isabel Allende, sus obras e inspiraciones. Buscamos igualmente evidenciar cómo esta escritora retrata el machismo en América Latina desde su literatura que protagoniza a la mujer como sujeto propio de su historia, utilizando contextos reales para crear sus historias con connotaciones políticas, sociales y culturales. En este sentido, nuestro objetivo principal es traer una visión social de la representación de la mujer dentro de la literatura latinoamericana de autoría femenina. Asimismo, reflejar cómo la sociedad patriarcal influye en el ejercicio del poder, el control, la fuerza y la violencia contra los personajes femeninos en la literatura. En cuanto a la metodología, definimos nuestro estudio como una investigación exploratoria, con un enfoque cualitativo en el que se hizo el uso del método dialéctico realizando un diálogo de argumentos y contrapuntos con el objeto investigado, utilizando la investigación bibliográfica como procedimiento técnico. El cuerpo teórico del trabajo cuenta con el aporte de estudios de: Navarro (1995), Piñón (2011), Guardia (2013), Guerra (1999), entre otros. Para que, a través de estos autores podamos comprender la representación y el papel de la mujer en la literatura, a través de la reescritura de la historia partiendo de la modificación de su destino, en contraposición a la imagen estereotipada, con el objetivo de dar voz a los personajes silenciados, recreando así el perfil de mujer latinoamericana que se diferencia de la mujer europea.

PALABRAS-CLAVE: América Latina. Literatura y escritura de mujeres. Isabel Allende. Cuentos de Eva Luna.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	A AMÉRICA EM LINHAS IMAGINÁRIAS.....	15
2.1	RABISCOS LATINO-AMERICANOS.....	15
2.2	PATRIARCALISMO E CONTRAPODER: O SILENCIAMENTO DAS MULHERES	21
2.3	ESCRITA E LITERATURA: A VOZ DE ISABEL ALLENDE.....	28
3.	<i>CUENTOS DE EVA LUNA: DA SEDUÇÃO À LIBERDADE.....</i>	33
3.1	<i>DOS PALABRAS</i>	33
3.2	<i>WALIMAI</i>	37
3.3	DORES E REAÇÕES: O PROTAGONISMO FEMININO	43
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, desenvolvida no marco da literatura e escrita feminina nos países latino-americanos, busca analisar a representação da mulher na obra “*Cuentos de Eva Luna*”, da escritora chilena Isabel Allende, publicada no ano de 1989, constituída por 23 contos, repletos de realismo mágico e paixão, tendo o amor, a vingança, a nostalgia, a compaixão, a ironia, a morte, a luxúria e a ganância como ingredientes essenciais que compõem as histórias narradas por Eva Luna, sendo esta uma obra representativa na literatura latino-americana contemporânea.

Nascida no Peru e naturalizada Chilena, Isabel Allende se destaca em suas publicações por retratar em suas linhas a situação político-social do seu país e representar o papel feminino na sociedade e inclusive, tecendo reflexões sobre o colonialismo e neocolonialismo, tendo em visto o contexto dos dois contos escolhidos. Colocando a mulher como protagonista em uma sociedade machista, a posicionando como criadora e com o poder de decidir sobre o seu destino.

Evidencia-se que toda pesquisa requer um problema a ser solucionado. Desta forma, o vigente estudo visa responder ao seguinte questionamento: como a literatura e a escrita feminina podem dar voz às mulheres silenciadas e coisificadas pela literatura patriarcal?

Ao ler os clássicos literários de escritores renomados, temos a mulher como ser frágil, predestina aos cuidados do lar e subserviência. Quando a mulher se separa da idealização ‘bela, recatada e do lar’, imediatamente ela é veiculada a uma imagem negativa. Colocada em posição de inferioridade, converte-se em um produto do discurso falocêntrico, baseado na ideia de superioridade masculina (ZOLIN, 2003), como ocorreu com Capitu, personagem de “*Dom Casmurro*”, do escritor brasileiro Machado de Assis. Assim, através de uma literatura e escrita dominada por homens, a mulher é representada por valores e normas de conduta que lhes são impregnadas.

Silenciada pelo cânone literário de domínio masculino em que a mulher é padronizada ao cânone literário patriarcal que crê, veemente, que a salvação da mulher está entrelaçada em encontrar seu príncipe salvador ao invés de reconhecer nas mulheres o potencial de conquistar a sua liberdade e serem protagonistas das histórias descritas mediante as suas imperfeições e desejos.

Esta investigação pretende trazer um olhar social da representação da mulher no interior da literatura latino-americana de autoria feminina. É acompanhada dos objetivos específicos: relacionar o papel da mulher latino-americana na sociedade atual e a

representação do feminino na literatura de autoria feminina; entender o lugar de gênero na produção literária de Isabel Allende, percebendo a desconstrução das subjetividades femininas construídas pelos clássicos literários; e analisar a representação feminina por meio da seleção de dois contos da obra “*Cuentos de Eva Luna*”.

Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratória, pois o seu planejamento é bastante flexível de modo que nos permite considerar os mais variados aspectos relacionados ao problema estudado, além de proporcionar uma maior familiaridade com o problema identificado (GIL, 2002, p. 41) com abordagem qualitativa, em que se usou o método dialético.

A escolha do método dialético se deu pelo fato deste ser a arte de dialogar, ou seja, de argumentar e contra-argumentar com o objeto a ser pesquisado. Portanto, para a dialética:

as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 101, grifo do autor).

O procedimento técnico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, pois, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44). Para tal, realizou-se o levantamento bibliográfico embasado na temática literatura e escrita feminina com ênfase na representação da mulher nos contos literários, desenvolvidos em artigos e dissertações acadêmicas, pesquisados em periódicos acadêmicos e livros, onde se encontrou autores como: Márcia Hoppe Navarro (1995), Nelida Piñón (2011), Sara Beatriz Guardia (2013), Lúcia Guerra (1999), entre outras(os) que versam sobre a temática.

Após o levantamento bibliográfico, foi realizada a revisão literária dos materiais selecionados, fazendo o fichamento dos textos lidos para que, através destes(as) autores(as), fosse formulada a compreensão da representação e do papel da mulher na literatura.

Desta forma, esta pesquisa surgiu para dar continuidade ao interesse pela produção de discursos e narrativas que recriam as relações de gênero, apresentando situações literárias focadas na compreensão das identidades sociais e protagonismo da mulher através da escrita e literatura feminina.

Aflora uma consciência sobre os traços propensos a transformação na sociedade perante os eixos de gênero, classe, raça, identidade, poder e cultura, que desconstrói a imagem identitária atribuída à mulher ao decorrer da história.

Por isto, foi proposto desde o início reedificar o literário como objeto de estudo interdisciplinar, entremado pela perspectiva histórica, social, cultural, crítica literária, teoria de gênero e dos conhecimentos gerados pelas diferentes abordagens feministas, sobretudo na literatura e escrita feminina na América Latina. Especificamente na obra da escritora chilena Isabel Allende onde percebe-se que esta autora, contribuiu para destacar a representação da mulher e o seu protagonismo na literatura destacando relações e situações dos possíveis contextos latino-americanos.

Para compreender a representação da mulher na literatura e escrita feminina da América Latina, buscou-se dialogar com várias correntes de pensamentos face a complexidade dos temas propostos pela escritora chilena Isabel Allende, que exigiu diferentes abordagens que possibilitasse o apontamento para a necessidade de buscar-se novas perspectivas de análises representativas da mulher na literatura, que vão além da mulher descrita em uma obra literária pelo cânone masculino para uma visão ampliada da sociedade em que os papéis sociais são culturalmente construídos.

De modo a uma análise mais substantiva da literatura e escrita feminina na América Latina e como as relações de poder, a sociedade patriarcal e o gênero auxiliam na representação da mulher como sujeito submisso ao padrão social institucionalizado.

A literatura nos proporciona a assimilar os valores sociais através da apropriação da escrita e da leitura oportuniza o desenvolvimento da sensibilidade, aguçando a nossa compreensão reflexiva e crítica sobre o mundo à nossa volta. A literatura não apenas nos proporciona o entretenimento das ficções escritas, mas possibilita que enquanto leitores possamos refletir sobre as situações ficcionais tratadas nas páginas de um livro.

Uma página escrita em forma de conto, poesia, drama, romance ou ficção, carrega consigo o peso de uma crítica social, a retratação da nossa sociedade em diversas épocas, nos faz questionar os valores que estão impregnados em cada linha.

Tendo em vista que o silenciamento ao qual a mulher foi e está exposta em nossa sociedade resulta em um processo estrutural de violência. Enquanto graduada em Serviço Social e especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, a perspectiva de gênero fundamentada na sociedade patriarcal tornou-se fonte primária para o aprofundamento nas refrações da questão social e em como através da interdisciplinaridade possamos compreender o gênero em todos os contextos societários.

Toda história tem um início, um meio e um fim, e as páginas finais dos livros sempre me fascinaram, porque não importa o quanto o meio do livro te encante, quando uma história não tem um final apropriado, a sensação que tenho é que falta mais uma página. Mas a obra

Cuentos de Eva Luna, apesar do ponto final em cada conto, a história de cada personagem não termina com o ponto final. Elas transcendem o tempo e refletem a nossa atualidade, deixando a sensação de que não falta uma página, mas que a nossa sociedade se diz evoluída, as pessoas se dizem mais sábias que os seus ancestrais, mais informatizados e conseqüente se torna estável quando o assunto é gênero e como as mulheres são representadas.

Pode-se dizer que Isabel Allende é a própria personificação de Belisa, encontrou a sua voz e lutou/luta por seu espaço no cânone literário, assim como fizeram Clarice Lispector, Virginia Woolf, Chimamanda Ngozi Adichie, dentre outras mulheres que empreenderam através da literatura. Enquanto que a pequena indígena Ila, é a representação da jovem indígena Guarani e Kaiowá que foi estuprada coletivamente por doze pistoleiros (REMPEL; LIEBGOTT, 2015).

Para compreender essa violência estrutural a qual as mulheres estão sujeitas desde os períodos remotos da sociedade, os contos “*Dos palabras*” e “*Walimai*” foram escolhidos para que através deles possamos compreender a representação da mulher dentro da literatura e principalmente dentro de cada período que estes contos retratam dentro de uma crítica literária social.

Por essa razão, usou-se alguns autores e textos da área de conhecimento em Serviço Social, e Saúde Mental e Atenção Psicossocial para dar embasamento ao estudo literário dos contos “*Dos palabras*” e “*Walimai*”, atrelado à realidade como uma construção social e a ficção literária como uma proposta alternativa da realidade, em que mesmo ficcional apresenta contextos históricos, sociais, políticos econômicos e culturais que moldam uma determinada sociedade.

Diante disso, o objetivo fundamental para a elaboração deste trabalho, expressa a necessidade em explorar a relação entre os contos da escritora Isabel Allende através da perspectiva de gênero, dentro de uma lógica interseccional. Analisa-se as rupturas geradas pelas escritoras latino-americanas nos modelos de identidade de gênero, no contexto histórico e social e as relações intertextuais e intratextuais que se aproximam de uma visão crítica social.

Estruturalmente, o trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo intitulado “A América em linhas imaginárias” aborda a escrita e literatura feminina na América Latina, as configurações históricas da sociedade patriarcal latino-americana e a escrita e a literatura da escritora chilena Isabel Allende, abordando sobre a vida, obras, inspirações e representatividades da escritora. Neste tópico contextualiza-se a escrita e a literatura como aparato de crítica social. Apresenta-se aportes para inserção na construção de

uma relação da literatura com a história das mulheres, indica-se a existência de uma voz plural nas narrativas, antes campo de domínio do cânone literário masculino.

O segundo capítulo, “*Cuentos de Eva Luna: da sedução à liberdade*” discute a desconstrução dos papéis sociais e avalia a representação do discurso e protagonismo da mulher nos contos “*Dos palabras*” e “*Walimai*”, verificando o protagonismo, poder, opressões e violências dos personagens masculinos sobre as personagens femininas, demonstrando a representatividade destas em um contexto patriarcal e machista. Extraem, do próprio enredo das tramas, as situações que permitem imaginar o local de pertencimento na narrativa latino-americana.

As considerações finais trazem como principais conclusões a constatação de uma ruptura com o entendimento linear do papel coadjuvante da mulher na literatura escrita pelo cânone masculino e a auto ficção para descrever a mulher em sua imperfeição, com um discurso que representa o empoderamento da mulher para escrever sua própria história.

Convém salientar que, por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Língua Espanhola, as duas línguas estarão presentes no texto e não serão traduzidas.

2. A AMÉRICA EM LINHAS IMAGINÁRIAS

Na busca por uma identidade literária, a literatura latino-americana mescla a fantasia com a realidade, o que faz com que a arte da palavra se torne equilibrada. Por vezes o(a) escritor(a) apresenta em suas obras aquilo que corresponde à recriação da realidade com novas perspectivas.

A escrita e a literatura feminina latino-americana foram reconhecidas na década de 1980, depois que a mulher deixou de desempenhar o papel de coadjuvante e assumiu o papel de protagonista, tornando-se sujeito de sua própria história. Com a intenção de desvencilhar-se do modelo de escrita masculino e dos estereótipos criados pela sociedade patriarcal, as escritoras passaram a construir seu discurso livre de regras e padrões estruturados, propondo novas alternativas e abordagens ao discurso literário, apontando a representação da mulher dentro e fora do cenário literário.

2.1 RABISCOS LATINO-AMERICANOS

Falar sobre a América denota explicar o que esta palavra representa quando mencionada. Trazendo em seu cerne a ambivalência entre as posturas de viés investigativo, segundo perspectivas acadêmicas, e as presunções das características na vida daqueles/as que, ao serem chamados de latino-americanos(as), carecem da necessidade de explicar a si mesmos conforme os recortes dessa origem.

Esta nomenclatura representa o peso interposto pela trajetória das lutas que atravessaram o continente através da conquista de diferentes libertações e independências e pela marca das opressões que se reinstalaram dentro de um contínuo que embaraça o início da libertação antes conquistada (MIRANDA e GONZALEZ, 2016).

Falar sobre a América através de fontes paralelas de maior prestígio e propor uma versão a partir do conhecimento vulgar significa falar de uma América bastarda “que se alimenta de eras imaginárias de culturas e de etnias, transformando-as em fator de miscigenação poético-barroca de outra era imaginária: a latino-americana” (SOARES, 2013, p. 62).

Filha do desconhecido e renegada, que cresceu e foi silenciada, a mulher latino-americana tornou-se sombra de um padrão patriarcal. Não obstante, em seu subconsciente foi tecendo sua rebeldia e gradualmente iam sendo mostradas no enraizamento das tradições, nos impedimentos da luta contra as tradições, os discursos ignorados ganhavam força.

Devotada desde o início à narrativa, a América esforçou-se em contar sua história a um interlocutor invisível que quisesse ouvi-la, acreditando em suas palavras ambíguas, arqueológicas, cada uma delas tendo por fim confirmar a existência de sua cultura. Afinal, essa América veio de muito longe, de todos os recantos da terra. (PINÓN, 2011, p. 60).

Em cada canto desconhecido dessa América, uma pequena voz foi levantada, um choro pela terra foi escutado, um poema foi escrito, a nostalgia foi transformada em rito. E mais uma vez, as vozes foram silenciadas e apagadas. A opressão não é apenas uma consequência que procede aos acordos e negociações econômicas ou aos conceitos de classe, é o suprimir da história da mulher segundo as tradições societárias.

O esboço da América Latina em letras de mulher propõe uma aproximação entre a escrita e a narradora, que reintegra o imaginário perdido nas crises de utopia, a aproximação entre o real e a ficção com suas ideias reconciliatórias ao mesmo tempo em que são questionadoras do espaço pátrio que dizem que:

Sob o teto desse continente, de telhas e palmeiras, intitulado pátria, lar, desterro, nós vicejamos, florescemos. Em uníssono, desencadeamos o tormento e a esperança de integrarmo-nos a essa América Latina, corpo místico de uma grande nação (PINÓN, 2011, p. 35).

A mulher silenciada pelo cânone literário de domínio masculino ganhou voz mediante o reconhecimento da literatura feminina nos países latino-americanos na década de 1980, em que mesclam a fantasia com a realidade. Tendo como principal objetivo da escrita feminina latino-americana: reavaliar o papel da mulher na história.

Conforme Márcia Hoppe Navarro (1995), a ficção produzida a partir da década de 1980 na América Latina, tem como principal característica a reavaliação do papel da mulher na história, resgatando a força da mulher emergida da habilidade de fazer a sua própria história. A autora ressalta que “na maioria das vezes, a mulher que é a personagem principal e narradora da história, adquire um papel preponderante, uma função específica na narrativa: o de escritora” (NAVARRO, 1995, p. 15).

Será através de sua palavra que Isabel Allende, como outras escritoras latino-americanas, reescreve a sua história e se constitui enquanto mulher e escritora. Isto porque em suas mãos as palavras se tornam armas que são utilizadas para libertar-se da opressão. O ato de escrever, criar e narrar suas histórias denotam compromisso e provocação para transformar o mundo e transformar-se (ABREU, 2009).

O Realismo Fantástico ou Realismo Mágico foi um movimento que apontou na América Latina durante a década de 1940, chegando ao seu ápice nos anos 60 e 70. Estava intimamente relacionado ao contexto sociopolítico da época. Esse estilo marcou profundamente a literatura latino-americana tendo como principal peculiaridade fundir o universo mágico à realidade, através da mostra de elementos irreais e/ou estranhos como algo habitual e cotidiano (SANTOS; BORGES, 2018).

Desponta obras que resgatam a força do ser feminino, demonstra que as mulheres são capazes de refazer e construir a própria história, em sua condição de sujeito e protagonista. Rita Terezinha Schmidt discorre que:

A literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura. Ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial feminino, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura, superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino. E de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura feita por mulheres hoje, se engaja num processo de reconstrução da categoria 'mulher', [...] (SCHMIDT, 1998, p. 187-188, grifo da autora).

A voz da mulher na literatura e escrita ganhou visibilidade a partir da conquista da identidade e da visão da mulher, quebrando as amarras da marginalização, liberta-a para usar-se e expressar-se como ser mulher em seus textos, desconstruindo a ideia de inferioridade rotulada pelo sistema patriarcal e a classe masculina dominante.

É através desses momentos e conquistas, que a mulher passa a ocupar um novo lugar na sociedade. Mulheres que escrevem doravante como literatas alheias a qualquer rejeição por parte do leitorado masculino. A produção literária feminina não se preocupa com uma escrita feminina estereotipada, e sim em criar uma literatura capaz de mostrar a luta pela equidade de gêneros e o repúdio aos padrões de opressão (LOBO, 1998).

Para Luiza Lobo,

o texto literário feminista é o que apresenta um [...] sujeito de enunciação consciente de seu papel social. É a consciência que o eu da autora coloca, seja na voz de personagens, narrador, ou na sua persona narrativa, mostrando uma posição de confronto social, com respeito aos pontos em que a sociedade a cerceia ou a impede de desenvolver seu direito de expressão (LOBO, 1998, p. 5).

Conforme a sua narrativa, essas narradoras vão rabiscando a América, apresentando a existência das ditaduras, a migração, a pobreza, as tradições e as barreiras culturais como uma dominação imposta. Através da incidência de diferentes processos, este esboço enfoca as narrativas para compreender que se trata, ainda hoje, da prática de projetar a América como

um território colonizado em resistência e construção, que teve seus valores, tradições e costumes impostos pelo eurocêntrico.

A consciência histórica é um produto da síntese entre o passado remoto, o passado recente e o presente frágil. Permite-nos compreender a dimensão da nossa própria história nos possibilitando a formação da representação da identidade pessoal e de gênero, e a sua relação com a identidade local.

Assim, a relação interposta entre a literatura e a história remonta a narração de acontecimentos que aconteceram ou poderiam acontecer, sucedendo na criação de personagens reais em mundos imaginários, como sustenta Zizani:

A literatura, operando com o imaginário, tem no processo histórico uma fonte privilegiada, enquanto o entendimento da história relaciona-se ao imaginário, para organizar seu sentido, já que processos sociais emergem nos textos literários, mesmo quando embrionários e pouco perceptíveis para o ser humano comum (ZINANI, 2006, p. 256-257).

É somente através dos textos que conhecemos e compreendemos o passado, em cada linha rabiscada por um(a) autor(a) nos revela o inconsciente de um mundo trivial, desigual, marginalizado e estereotipado. A América Latina é forjada por países que possuem características peculiares, expressas em sua língua, história, cultura, raça, nas tradições e nas formas singulares em que articulam suas relações pessoais e interpessoais. Que lhe dão uma síntese de uma diversidade de visões de histórias diferentes, que são o núcleo comum da América Latina.

Rabiscamos linhas de uma região, conquistada e marginalizada pela Europa e sua cultura. Lemos sobre ditaduras que varreram o continente e presenciamos frágeis democracias que tomam conta da América Latina. Nas entrelinhas desses rabiscos, ouvimos as vozes suplicantes de escritoras que querem moldar a literatura latino-americana protagonizando a mulher real, o seu sofrimento e a sua luta para sair do leito marginalizado, opressor, submisso, frágil e inferior que lhe foi/é atribuído.

Grande parte da literatura de autoria feminina, produzida na América Latina, estabelece relações significativas com a história, na medida em que questiona a própria escritura da história, vista como produto de uma cultura hegemônica e androcêntrica. Não se trata de incluir o elemento feminino na história já escrita, mas de repensar essa história a partir da perspectiva da mulher. Assim, a síntese entre literatura e história, por meio do estudo crítico, permite a percepção de um modelo de sociedade que desvela a discriminação sofrida por quem não pertence ao segmento dominante e possibilita a difusão da idéia de construção de um “projeto substitutivo” no mundo real, considerando a discussão sobre as questões de gênero e literatura (ZINANI, 2006, p. 258).

Muito tem se falado a respeito da literatura de autoria feminina e a importância da sua escrita para a produção de textos e obras e assim dar voz as mulheres com grande potencial literário. Contudo, não se percebe que a expressão “texto literário feminista” está relacionada ao ponto de vista da narrativa, experiência de vida da mulher e, logo, evidencia um sujeito de enunciação consciente de seu papel social e não a essência retrógrada ligada a diversos setores: a depreciação no setor político, as conotações políticas e sociológicas, as lutas e as conquistas pela igualdade de direitos (LOBO, 2000).

A holística da literatura feminina interpõe uma atitude diante da realidade, uma forma de compreender, ver e estar no mundo. Não nega o que foi escrito pelo cânone masculino, mas diversifica e fertiliza o pensamento anteposto, criando pontes e estabelecendo nexos entre o real e o imaginário. A sua escrita está relacionada com os assuntos diversificados em seu cotidiano, e um dos temas que ganhou destaque nos últimos tempos, e uma das principais temáticas nos *Cuentos de Eva Luna*, da escritora Isabel Allende, é o erotismo.

A mulher se define enquanto sujeito textual e narra a sua história, independente daquela que o homem forjou. A textualização do corpo feminino passa a se destacar na literatura latino-americana, tendo como resultado uma literatura desinibida, onde as paixões, os desejos, as fantasias, o subconsciente e o sexual são cifrados com uma predominância de metáforas táteis.

Na literatura, atualmente já sabemos que muitos dos textos considerados eróticos ou pornográficos e que circulavam através de pseudônimos ou de anonimato foram escritos por mulheres. Para mulheres, a autoria era o lugar da ausência, assim como sua própria sexualidade.

[...]

Se na autoria masculina, o que prevalece é uma representação estanque do corpo e sexualidade das mulheres, na autoria feminina é possível constatar a preferência na escrita em primeira pessoa do singular, utilizando um eu lírico feminino, que descrevem ou confessam desejos, criticam relações normativas ou descobrem o próprio prazer (OLIVEIRA, 2017, p. 3).

O erotismo torna-se presente como uma ideologia de libertação feminina, pois quando o assunto é expressão de seu desejo e exercício de sua sexualidade, a mulher foi e ainda é reprimida. Com isso, as narrativas sobre esse tema buscam apresentar não apenas o ponto de vista da mulher como também cria um espaço que seja próprio dela, expressando com sensibilidade o seu ponto de vista, transcendendo suas emoções e diferenciações dos demais olhares, que estão refletidos diretamente na escrita (LOBO, 2000).

Há no continente latino-americano uma relação peculiar entre mitos, arte, história das nações e história privada dos indivíduos. Possuímos a caneta e a América é o nosso tinteiro, fruto da imaginação, um erro de navegação, uma narrativa de identificação, o Novo Mundo “descoberto”, a escravidão escancarada nas linhas territoriais e, sobretudo, resultado de muitas histórias individuais.

“A história da América Latina é contada nos livros didáticos em sua versão oficial como um louvor aos desbravadores, que ‘descobriram’ o Novo Mundo” (MARRA, 2016, p. 54, grifo da autora). A América foi/é forjada pela pluralidade que subalterniza o feminino no papel de delimitar e tecer o seu discurso, rotulados como subdesenvolvidos provocados pelo processo de colonização, tidos como inferiores aos europeus.

Nos textos da escritora Isabel Allende;

a geografia latina é tida ora como um paraíso, ora como um inferno. A memória de episódios históricos é relatada do ponto de vista de empregados domésticos, prostitutas, marginalizados, as vozes silenciadas pelos discursos oficiais” (MARRA, 2016, p. 54).

A caneta e o papel se tornam instrumentos nas mãos daquelas que ao contemplarem o mundo, busca inspiração para escrever cada sentimento vivenciado ser transmitido nos rabiscos das letras que formam as palavras e as palavras vão formando frases que se tornam parágrafos e estes parágrafos o mundo de cada autora.

Contudo, segundo Guardia, “não foi fácil romper o silêncio para as escritoras latino-americanas” (GUARDIA, 2013b, p.18) que se viram em um ambiente de intolerância e hegemônico do discurso masculino. Essas escritoras, excluídas e marginalizadas, estenderam sua voz aos demais excluídos, questionando as relações históricas, sociais e econômicas.

Para Márcia Hoppe Navarro;

a literatura produzida por mulheres foi sempre considerada ‘feminina’, isto é inferior, preocupada somente com problemas domésticos ou íntimos, e, por isso, não merecendo ser colocada na mesma posição da literatura produzida por homens, cujo envolvimento com questões ‘importantes’, isto é com a política, história e economia, foi sempre assumida sem discussão (NAVARRO, 1995, p. 13, grifo da autora).

Ao praticar o ato da leitura, o ser humano busca uma maneira de entender o mundo e a si mesmo. Uma vez que as histórias possuem a capacidade de revelar o que há de mais humano em cada linha, a possibilidade de se deixar tocar pelas palavras que transmitem emoção e sentimentos, colocadas em uma narração que passam a pertencer e moldar o/a leitor/leitora.

Num cenário em que a mulher, a escritora e a personagem passam a ter voz na sociedade, elas ampliam sua participação na história e através da escrita ou da fala reescrevem a história, subvertem os predominantes relatos ficcionais masculinos (NAVARRO, 1995).

2.2 PATRIARCALISMO E CONTRAPODER: O SILENCIAMENTO DAS MULHERES

As identidades antes vistas como elemento fixo e estável, que por certo tempo se estabilizaram no mundo social, formando uma unidade, estão em declínio, fazendo surgir mudanças nos paradigmas relativos às identidades, pois o sujeito antes visto como um ser unificado se percebe fragmentado, nomeado por Stuart Hall como “crise de identidade” (HALL, 2006, p. 7).

A Crise de Identidade é vista como parte de um processo amplo de mudança, “que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7).

As identidades modernas, segundo Hall (2006), estão sendo fragmentadas e deslocadas devido à mudança estrutural que está transformando as sociedades exigindo do sujeito o desempenho da multiplicidade dos papéis sociais que estremecem as identidades pessoais já definidas. Hall denota que “um tipo diferente de mudanças está transformando as sociedades modernas no final do século XX” (HALL, 2006, p. 9).

Consequentemente estão se fragmentando as denotações culturais de gênero, classe, sexualidade, etnia, raça, entre outros, que no passado haviam fornecido sólidas percepções como indivíduos sociais resultaram na nossa identidade pessoal, abalando a ideia de sujeitos integrados para sujeitos fragmentados (HALL, 2006).

Por conseguinte, a crise de identidade se torna uma questão quando algo coerente, fixo e estável é deslocada pela instauração da dúvida e da incerteza. Uma identidade formada a partir da interação entre o eu e a sociedade vai sendo forjada. Através do mundo pessoal e o mundo público, vamos projetando nós próprios nessa identidade cultural. Ao mesmo tempo em que internalizamos os significados e valores culturais como parte de nós, alinhando os nossos “sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2006, p.12).

A identidade do sujeito sociológico, interposta por Hall (2006), considera a interação entre o ‘eu’ e a ‘sociedade’, que ao preencher o espaço entre o interior e o exterior, a identidade, “então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura.

Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam” (HALL, 2006, p.12, grifo do autor), tornando ambos unificados e predizíveis.

Em diferentes momentos e diversificados locais, o indivíduo interage divergente, segundo o papel social que está exercendo isto porque há uma diversidade de posições sociais que estão aparecendo a todo instante e o indivíduo pode decidir qual ocupar ou não. Isso torna a identidade relacional, ou seja, para que determinada identidade possa existir, ela irá depender de um fator externo, que seria uma outra identidade. “Assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2009, p. 9)

As mulheres são os significantes de uma identidade masculina partilhada, mas agora fragmentada e reconstruída, formando identidades nacionais distintas, opostas. Neste momento histórico específico, as diferenças entre os homens são maiores que quaisquer similaridades, uma vez que o foco está colocado nas identidades nacionais em conflito. A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças - neste caso entre grupos étnicos - são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares (WOODWARD, 2009, p. 9-10).

Isto é, a construção da identidade é historicamente específica, surge em momentos particulares decorrentes do conflito que estas afirmações de identidades surgem. Por isso, “a emergência dessas diferentes identidades é histórica; ela está localizada em um ponto específico no tempo” (WOODWARD, 2009, p. 10).

Desta forma, nos novos movimentos sociais, referenciando o movimento de gênero, as identidades são vistas a partir de uma visão não essencialista, compreendendo as identidades como dinâmicas e não fixas que seriam permanentes e valeriam para todas as gerações.

Anthony Giddens argumenta que;

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS *apud* HALL, 2006, p. 14-15)

Assim, nas sociedades tradicionais onde o gênero é fator estruturante, o patriarcado denota uma estrutura de poder disfarçada de estrutura natural, em que as mulheres constituem um lugar específico: a família nuclear. Do qual, esse lugar tributário criou um padrão feminino que sobrevive ainda hoje, cuja função primordial é promover o casamento, não entre o homem e a mulher, mas entre a mulher e o lar, de modo que sustente a virilidade do homem.

Deste modo, a submissão da mulher é requerida, caso contrário, esta seria submetida a práticas coercitivas que sustentem a virilidade masculina (ZANELLO, 2018).

O patriarcado aparece como um estado arcaico na sua forma inicial, em que a unidade básica de organização foi a família patriarcal que expressou, gerou e impôs suas regras e valores constantemente, definindo as interações de gênero que afetaram a formação do estado.

O papel e comportamento apropriado para cada sexo foram expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais que se tornaram importantes metáforas para a supremacia e dominação do homem, enquanto a mulher foi transformada em mercadoria.

Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 50).

A sexualidade das mulheres, compreendida de sua capacidade sexual, reprodutiva e seus serviços domésticos e cuidados para com a família, desempenhando a função de esposa e mãe, foram controlados e restringidos. As mulheres trocadas ou compradas em casamento para os benefícios de suas famílias tornaram-se um recurso que deveria ser adquirido por homens tanto quanto a terra era adquirida por estes.

Subordinadas pela sua própria sociedade, escravizadas a cumprir um papel que lhe foi designado para servir ao marido, desde o instante em que sua sexualidade e aspectos dos seus corpos foram controlados por outros, as mulheres não estavam apenas em desvantagens sociais, mas psicologicamente restringidas a desempenharem seu próprio papel na sociedade que não se limite ao da esposa ‘dona de casa’ (LENER, 2019).

Joan Scott (1990) denota que o gênero é desenhado através da percepção das diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de um pensamento engessado que constrói formas e significados culturais que denotam uma relação de poder, cujos símbolos e significados são explicados através da dualidade do sexo.

O pensamento dicotômico e polarizado sobre os sexos/gêneros concebe homens e mulheres como polos opostos que se relacionam em uma lógica de dominação-submissão. Scott (1995) argumenta que a justificativa para tal divisão inclui o argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação

entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual, cada um deve desempenhar um papel determinado (VIANNA; DINIZ, 2014, p. 88).

Se inserirmos a dualidade do sexo no domínio pré-discursivo ou natural, temos como efeito o aparato de construção cultural que será designado por gênero, ao qual o ser homem e o ser mulher são construídos culturalmente e demarca o comportamento que cada um deve seguir, categorizando a pirâmide da sociedade patriarcal (VEGAS; RECUERO, 2014).

A base da pirâmide é estruturada pelas formas sutis e invisíveis de violência, como o machismo, o humor e a linguagem sexista. Quanto mais inferior na pirâmide, mais “simbólica” é a violência, pois pode passar despercebida para alguns indivíduos. Esse tipo de violência, como já foi dito, pode ser invisível, mas possui efeitos reais que moldam a representação dos gêneros e, consecutivamente, o *habitus* dos indivíduos (VEGAS; RECUERO, 2014, p. 7, grifo do autor).

Para Judith Butler algumas explicações interpõem que a ideia de que o gênero é algo construído, “sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inevitável” (BUTLER, 2019, p. 28). Ou seja, ao ser culturalmente construído, o gênero passa a ser apreendido nos termos da sociedade vigente.

Criando paradigmas que serão tão determinantes e tão fixos quanto na formulação do sexo pela biologia, assim, apesar das correntes biológicas e sociológicas, tanto o gênero quanto a sexualidade são construídos e definidos culturalmente porque tem definições distintamente estabelecidas em diferentes grupos sociais e culturais. Para Scott;

[...] o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1990, p. 75).

O gênero não é somente um fenômeno social e histórico que representa a construção cultural sobre o ser homem e ser mulher de determinada sociedade. Dele participa também o corpo, quer como objeto social, quer como reprodutor de seres humanos, destacando o patriarcado relacionado ao poder do homem.

A representação das mulheres não é determinada apenas pelo sexo ou pela classe social. Convida-nos a pensar o gênero e a sexualidade também como um fator determinante. Sendo o gênero um meio discursivo que vai além das atribuições das significações biológicas

que constituem a própria noção de sexo. Logo, o gênero produz e materializa o sexo, pois o gênero não é algo que se é ou algo que se tem, mas algo que se faz e que é performativo.

Tendo em vista que a sociedade não é um todo definido e bem delimitado, ela está em constante deslocamento “por forças fora de si mesma” (HALL, 2006, p. 17). As transformações associadas à modernidade libertaram o sujeito de seus apoios “estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p. 25). Apesar das mudanças socioculturais ocasionadas pela evolução humana como ser social, o sistema patriarcal sobreviveu alterando apenas alguns aspectos: o cenário familiar preferível é o que contém a mulher como a pessoa encarregada de cuidar da casa, dos filhos e do marido enquanto ao homem compete-lhe ser o provedor da casa.

As identidades de gênero - as masculinidades e as feminilidades - constituem-se como um conjunto de peculiaridades idealizadas na esfera social e cultural por uma determinada sociedade, as quais definem os comportamentos, gestos, atitudes, modos de se vestir, falar e agir tanto para homens quanto para mulheres.

Tendendo essas identidades a estarem consoantes com o sexo biológico, mas não necessariamente estão compatíveis com ele, porque as identidades de gênero estão continuamente se renovando para serem moldadas a cada momento, não sendo fixas ou acabadas.

[...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 39, grifo do autor).

O processo de definição dessas identidades enseja um avanço das construções singulares porque acaba preestabelecendo e moldando um comportamento comum aos indivíduos em conformidade com o sexo biológico. Avaliando determinadas ações como corretas e normais, transformando-as em modelo e referência que devem ser seguidas. O dilema é que esse conjunto de normas, às vezes não dá conta de toda a complexidade e subjetividade que envolve os indivíduos, aprisionando-os nessas obrigações patriarcais.

A vida das mulheres estaria aprisionada nos estereótipos de mães-esposas ou putas ou freiras ou presas ou loucas. Nesse contexto de produção e reforço de estereótipos, se faz extremamente importante discutir em que medida o direito e as instituições do sistema de justiça alimentam a produção de exclusão social, considerando, em especial, o paradigma da racionalidade masculina, que segundo Lagarde produz, nas

loucas, a atualização da “locura genérica de todas las mujeres” (p. 40), isto é, a loucura como uma característica naturalizada em todas as mulheres, emergente de sua sexualidade e de sua relação com os outros (MAGNO, 2017, p. 196).

Ao discorrer sobre o papel social da mulher no contexto literário, a representação da mulher deve ser compreendida como uma refração da questão social. Isto porque as oposições entre o feminino/masculino, natureza/civilização, público/privado referidas pelo cânone literário, à literatura produzida por mulheres possuíam um valor estético menor do que a produzida pelos homens.

A saber que a escrita da mulher se aproxima da experiência pessoal, mostrando certa tendência à autobiografia e confissão dos seus anseios, acaba refletindo as desigualdades sociais/culturais/econômicas/políticas a que estão sujeitas.

Conforme Cerqueira Filho:

Por 'questão social', no sentido universal do termo, queremos significar o conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no curso da constituição da sociedade capitalista. Assim a 'questão social' está fundamentalmente vinculada ao conflito entre capital e trabalho. (CERQUEIRA FILHO *apud* IAMAMOTO, 2000, p. 203, grifo do autor).

À vista disso, a representação da mulher enquanto questão social denota uma contradição entre a fantasia e a realidade do que é ser mulher. Marilda Villela Iamamoto (2000) interpõe que a questão social, “sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem” (IAMAMOTO, 2000, p. 28).

Esta tensão surgida entre a produção da desigualdade e a produção de rebeldia movida por interesses sociais distintos tecem a vida da sociedade porque não é possível abstrair-se desses preceitos que germinam o futuro. “Assim, apreender a questão social é também captar as múltiplas formas de pressão social, de invenção e de re-invenção da vida construídas no cotidiano, pois é no presente que estão sendo recriadas formas novas de viver”, (IAMAMOTO, 2000, p. 28, grifo do autor).

Arelada à exclusão e desigualdades sociais, perpassando pelo momento em que ela se tornou objeto de descrição e saber dos escritores, desembocando na mulher literária ideal. A noção de normalidade e anormalidade antes delimitada a partir de um padrão considerado normal pela sociedade patriarcal, à descrição da mulher foi abordada com um produto da interação dos papéis sociais constituídos culturalmente.

A transformação da mulher de objeto em sujeito implica a eclosão de uma problemática impensável em épocas anteriores e com repercussões ainda não totalmente avaliadas. Como crenças e concepções estabelecidas desde os primórdios da civilização têm seu estatuto abalado pela perspectiva de liberdade e realização pessoal, o espaço da mulher passa a ser, efetivamente, um espaço privado, próprio, em que, depois da luta pela igualdade, constata-se o empenho para que haja o reconhecimento da diferença (ZINANI, 2006, p. 255).

No contexto patriarcal, a escrita e literatura feminina tornam-se transgressoras porque o mundo apresentado por cada escritora denota uma teia literária que surge da união entre as representações contrastantes e mediante uma imaginação unida à realidade com uma intuição acrescida da lógica e a experiência pessoal entrelaçada à experiência coletiva.

Uma nova representação da mulher vai sendo rabiscada na América Latina, a mulher singular, protagonista, que se diversifica culturalmente e diverge da mulher europeu-burguesa. Quando a mulher se torna protagonista das obras ficcionais e até mesmo da realidade, “elas não apenas desafiam ou tentam subverter a cultura patriarcal dominante, mas também fornecem à mulher a voz adequada para falar por si mesma” (NAVARRO, 1995, p. 14).

Todo corpo reflete relações de poder, sobretudo em contexto exploratório e hierarquizado da sua sexualidade. Sendo essencial compreender o corpo como território, passível de disputas e opressões que, ao inverter o lugar de fala, se torna um espaço de resistência e subversão. A implacável trajetória feminina de conquista e ocupação de espaço no contexto literário é explicada por Schmidt (1998) através da cultura patriarcal que determinou que os homens criam e as mulheres procriam.

A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. “A autoridade pública ou simplesmente social pertence sempre aos homens”, afirma Lévi-Strauss ao fim de seu estudo sobre as sociedades primitivas. O semelhante, o outro, que é também o mesmo, com quem se estabelecem relações recíprocas, é sempre para o homem um indivíduo do sexo masculino. A dualidade que se descobre sob uma forma ou outra no seio das coletividades opõe um grupo de homens a outro grupo de homens, e as mulheres fazem parte dos bens que estes possuem e constituem entre eles um instrumento de troca. O erro proveio de terem confundido dois aspectos da alteridade, que se excluem rigorosamente (BEAUVOIR, 1980, p. 91, grifo da autora).

A experiência do cânone literário era baseada no conceito da universalidade que oferecia à mulher uma noção única da vida ao qual ela era igualada às definições de musa ou objeto. A mulher que questionasse tal *status quo* era desprezada frente a uma crítica que ignorava as suas particularidades que não se encaixavam no padrão masculino, tido como universal.

Cabia à literatura representar os papéis sociais e a condição das mulheres aludindo à realidade, construídos sob a visão da dominação patriarcal. As mulheres confinadas ao lar produziram literatura e conseguiram transcender o espaço ao qual estavam confinadas para revelar os seus sonhos, desejos e realidade. Romperam o silêncio e fizeram a sua própria história (NAVARRO, 1995). “Conforme a mulher vai se apropriando do discurso, constituindo-se como autora, ela promove, por meio do questionamento dos valores tradicionais, a ruptura com essa dominação” (ABREU, 2009, p. 87).

Restringindo a produção literária ao mundo masculino, em que a mulher precisou lutar e continua lutando para se autoafirmar na sociedade, diminuindo as diferenças sociais e discriminações, conquistando gradualmente um lugar de emancipação na escrita literária.

Quando a mulher é representada, através de sua própria visão e linguagem, ela rompe com conceitos tradicionais relativos à sua identidade socialmente/culturalmente construída, possibilitando-nos compreender como ela vê o outro, como ela é vista pela sociedade e principalmente como ela vê a si mesma.

2.3 ESCRITA E LITERATURA: A VOZ DE ISABEL ALLENDE

Na natureza representativa da literatura de autoria feminina está o seu modo de ser e de estar, revelando as ‘nuances’ da cultura patriarcal ao passo em que recria aspectos da realidade. Indica uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história, proporcionando uma insurreição de um passado/presente vivido, marcado pelo segredo, pela sutileza, pelo recato, um cotidiano enredado de submissão, devoção, acomodação, obediência.

As páginas rascunhadas pelas mulheres expõem a resistência ao mito construído pela escrita masculina do ser mulher. Sendo esta uma condição unilateral da representação da mulher.

O MITO da mulher desempenha um papel considerável na literatura; mas que importância tem na vida quotidiana? Em que medida afeta os costumes e as condutas individuais? Para responder a essas perguntas seria necessário determinar as relações que mantém com a realidade (BEAUVOIR, 1980, p. 299).

O mito sublimado ao aspecto imutável da condição humana, construído por padrões culturais patriarcais que dispersam a existência múltipla da mulher em que o pensamento cristalizado das suas ações é contrariado pela sua conduta. O ato de criar pertencente ao homem não poderia ser manifestado pelas mulheres; a estas cabiam apenas o contentamento com a sua forma descrita nas páginas dos livros.

O mito da mulher identificado por Simone Beauvoir (1980) é um meio de sustentação a ideologia do patriarcado, enquanto o cânone literário é um dos principais transmissores desse mito, isso porque, as mulheres são representadas, na tradição literária com um papel definido no estereótipo de protagonistas que tinham como atributo a submissão, histerismo, irracionalidade, passividades, entre outros, “toda a história das mulheres foi feita pelos homens” (BEAUVOIR, 1980, p. 167).

Achatadas por uma escrita taxativa, as mulheres ergueram suas canetas e começaram a escrever. Rabiscaram o mundo como viam, retrataram a si mesmas como realmente são: imperfeitas. As páginas foram ganhando vida, e a secagem da tinta a certeza da visibilidade literária que estavam alcançando.

O retrato da realidade se tornou a essência da escrita feminina e a liberdade literária transformou o ser mulher no estar mulher, uma condição variável para a imperfeição e assim cada mulher com o seu útero viajante¹ se posicionou frente ao sistema patriarcal.

“Na realidade concreta, as mulheres manifestam-se sob aspectos diversos; mas cada um dos mitos edificadas a propósito da mulher pretende resumi-la inteiramente” (BEAUVOIR, 1980, p. 300). Transportando este pensamento para a esfera literária e pensando a condição do gênero feminino, cumpre salientar que antes das primeiras manifestações literárias de autoria feminina, o sujeito possuidor do direito ao discurso, e consequentemente do poder, era do sexo masculino – branco e classe média alta – as representações femininas até então se davam unicamente por esta perspectiva social (ROSSINI, 2016).

Como as representações coletivas e, entre outros, os tipos sociais definem-se geralmente por pares de termos opostos, a ambivalência parecerá uma propriedade intrínseca do Eterno Feminino. A mãe santa tem como correlativo a madrasta cruel; a moça angélica, a virgem perversa: por isso ora se dirá que a Mãe é igual à Vida, ora que é igual à Morte, que toda virgem é puro espírito ou carne votada ao diabo. Não é evidentemente a realidade que dita à sociedade ou aos indivíduos a escolha entre os dois princípios opostos de unificação; em cada época, em cada caso, sociedade e indivíduos decidem de acordo com suas necessidades. Muitas vezes projetam no mito adotado as instituições e os valores a que estão apegados (BEAUVOIR, 1980, p. 300-301).

Neste contexto, a crítica literária feminista irrompe com o propósito inicial de desestabilizar o conceito de representação hermenêutica da mulher na literatura. Passando

¹ Na Grécia, Hipócrates, considerado o pai da medicina, e um dos maiores médicos da Antiguidade, resgatou uma velha teoria, de que o útero quando frustrado, caminhava pelo ventre. Fugia pelo labirinto de uma anatomia imperfeita, à procura de um local mais confortável para se alojar. Surgindo assim o termo “Histeria”, cuja explicação etiológica para certos quadros “femininos” de loucura era a movimentação uterina no ventre (ZANELLO, 2018, p. 42).

então, a agir no sentido de possibilitar e (re)criar a representação de perspectivas sociais, não evidenciadas pelo cânone literário masculino. Descortinando a tradicional e sexista história da representação da mulher no terreno literário masculino permitindo a inclusão das vozes silenciadas e marginalizadas, contribuindo para a legitimação dessas vozes no campo literário (ROSSINI, 2016).

Assim, na literatura de autoria feminina o discurso passa a ser proferido a partir da perspectiva da mulher, que ganha voz e protagonismo dentro da narrativa, representando identidades que se deslocam do tradicional proposto para a mulher. Como ocorre na obra “*Cuentos de Eva Luna*”, da escritora chilena Isabel Allende, adotado como objeto desta pesquisa.

Isabel Allende Llona, nasceu em 2 de agosto de 1942 na capital peruana, Lima, porém se nacionalizou chilena. Filha de diplomata e sobrinha do ex-presidente chileno Salvador Allende. Aos dezesseis anos inicia a sua carreira como jornalista, em periódicos, em revistas femininas e na televisão antes de começar a publicar seus livros (MEMORIA CHILENA, 2018).

Outrora, em 1970, Salvador Allende foi o primeiro socialista a ser eleito democraticamente como presidente, gerando inquietações por diversos governos, em especial o governo dos Estados Unidos, seu mandato acabou em 1973 diante de um golpe de Estado. Salvador Allende preferiu o suicídio a ter que se entregar (GEHRKE, 2020).

Com a morte de seu tio, o ex-presidente socialista chileno democraticamente eleito, em 1973, uma junta militar liderada por Augusto Pinochet estabeleceu uma rígida ditadura militar dentro do Chile. Isso obrigou a escritora a abandonar o Chile, com a família, partindo para o exílio.

Na Venezuela, Isabel Allende também trabalhou como jornalista em Caracas e ao ser aconselhada pelo célebre poeta chileno, Pablo Neruda, a abandonar seu trabalho como jornalista pela falta de objetividade que sua escrita mostrava, passa a escrever livros de ficção (FLECK e RIBEIRO, 2011, p. 167).

De estrangeira a refugiada política, Allende se torna uma imigrante. Uma imigrante que em seus parágrafos expõe a dor em sua alma por se ver forçada a deixar tudo para trás em decorrência de fatores políticos. Roubaram-na o seu lar e o lar da sua família. Sendo na escrita a forma que Allende encontrou para expor essa dor.

Pertencente a uma família muito conservadora e católica, Allende descobriu desde cedo as desvantagens em ter nascido mulher, apesar das mudanças alcançadas pelas mulheres frente às suas lutas, os homens ainda têm melhores condições e sempre foram mais reconhecidos no campo literário. Através da sua escrita, Allende descreve não apenas a

situação política, mas também nos revela uma beleza esplêndida contida no feminino, invocando qualidades que geralmente são reprimidas e/ou ocultas de seus(as) leitores(as). Escolhendo o ativismo literário para se impor contra as normas patriarcais, oferecendo às mulheres um manifesto sobre seu despertar pessoal.

Comprometida em fazer deste mundo um lugar melhor, Allende faz da escrita uma arma para transmitir um amor incondicional e a beleza que se traduz em suas obras pela liberdade em ser quem você é. Desconstruindo os padrões sociais impostos às mulheres pelo cânone literário.

Transmuta este arquétipo de “mulher ideal” idealizada pelo masculino, por meio da sua literatura, Allende cria um espelho onde as mulheres se reconhecem, apaixonam por si mesmas, e tomam as suas próprias decisões. Apresenta-nos mulheres protagonistas, distintas e diversas, conforme a realidade e não com o imaginário estereotipado de “mulher ideal”.

Os textos que Isabel Allende compartilha com seus leitores são adaptações de várias fontes e essas mesmas fontes são reutilizadas, readaptadas pela própria autora de formas diversas, em suas narrativas. Esta liberdade para contar e recontar é uma ferramenta dos que partilham histórias coletivas (MARRA, 2016, p. 46)

Os textos da escritora chilena Isabel Allende, de acordo com Linda Hutcheon “são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos” (HUTCHEON, 1991, p. 21). Allende descreve personagens femininos que protagonizam histórias cheias de sensualidade e aventuras. Expondo sentimentos que compõem os sujeitos latino-americanos, seus valores, suas crenças, suas culturas, seus modos de vida (MARRA, 2016).

Ao abordar as condições da mulher submissa sem adotar visivelmente um discurso feminista, Allende retrata episódios carregados de sentimentos que motivam a ação dos seus personagens. Conforme Marra:

Ela é dona de uma poética que questiona a historiografia, enquanto se propõe a reescrever a história. A partir de vestígios de acontecimentos históricos, constrói personagens, representações narrativas que por suas singularidades adquirem caráter universal. A compreensão do discurso ideológico das narrativas dependerá da percepção do receptor e de sua vivência (MARRA, 2016, p. 4).

Provoca reflexões sobre a exploração do homem pelo homem, o papel destinado à mulher na sociedade e as funções estabelecidas diante das relações sociais e de gêneros. Em seu livro “*Cuentos de Eva Luna*” publicado em 1989, Allende traz a desconstrução do

modelo patriarcal, abrindo a possibilidade de a mulher tornar-se protagonista e sujeito ativo na sociedade.

Em seus contos ela narra a diversidade dos papéis femininos e a idealização da sociedade na qual essas mulheres estão inseridas mostrando, por meio das histórias, o desdobramento da representação feminina através da modificação dos destinos das personagens, utilizando a força do discurso para a percepção da mulher como sujeito histórico e autora do seu próprio papel social.

Cuentos de Eva Luna, é uma obra composta pelos seguintes contos: *Dos palabras*, *Niña perversa*, *Clarisa*, *Boca de sapo*, *El oro de Tomás Vargas*, *Sí me tocaras el corazón*, *Regalo para una novia*, *Tosca*, *Walimai*, *Ester Lucero*, *María la boba*, *Lo más olvidado del olvido*, *El pequeño Heidelberg*, *La mujer del juez*, *Un camino hacia el norte*, *El huésped de la maestra*, *Con todo respeto debido*, *Vida interminable*, *Un discreto milagro*, *Una venganza*, *Cartas de un amor traicionado*, *El palacio imaginado*, y *De barro estamos hechos*.

O que Allende faz em seus contos são recriações e readaptações a partir de interpretações, gerando uma reinterpretação dos contextos/situações abordadas no qual a “contadora de histórias se apropria das narrativas que lhe foram transmitidas e as reutiliza” (MARRA, 2016, p.47).

Além disso, os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. [...]. As palavras são “multimoduladas”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. Nossas afirmações são baseadas em premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea da nossa língua. Tudo que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” nas quais as pessoas podem escrever (HALL, 2006, p. 40-41, grifo do autor).

“Tú piensas en palabras, para ti el lenguaje es un hilo inagotable que tejes como si la vida se hiciera al contarla” (ALLENDE, 2003, p. 8). A narradora da obra de Allende, Eva Luna, sabe que as palavras proferidas/escritas são a sua voz no mundo, a forma que ela encontrou para se expressar, sendo necessário encantar ao contar um conto, e saber que cada receptor carrega consigo um repertório que será acionado durante a narrativa.

O tema principal tratado nas obras de Allende são as mulheres que lutam pela emancipação, através da retratação dos cenários sociais, suas obras abordam seu passado chileno e os movimentos sociais, políticos e econômicos da América Latina após o colonialismo. Suas protagonistas “son generalmente mujeres que luchan por su idealización

personal en la vida. Lo sumamente humano, los lazos familiares afectivos, el amor, la aventura, la libertad, la mujer, el misterio, las fantasías diversas [...]” (ONGUEDOU, 2009, p. 49).

Dentre os contos citados anteriormente, escolhemos os intitulados, *Dos palabras* e *Walimai* para serem analisados no contexto de representação da mulher, em que a literatura foi utilizada como um instrumento de crítica social. Uma vez que, Allende reproduz tanto os discursos dos dominados quanto dos dominadores, cujos leitores pertencem às diversas classes sociais, com variados conhecimentos culturais e ideológicos, o qual veremos no próximo capítulo.

3. CUENTOS DE EVA LUNA: DA SEDUÇÃO A LIBERDADE

Ao considerar os contrastes latino-americanos na escrita e literatura feminina e a trajetória da escritora Isabel Allende, é possível afirmar que algumas de suas obras apresentam a situação político-social de seu país, Chile, colocando a mulher como protagonista dos seus contos.

Allende apresenta a mulher que se rebela com a sua situação e, por isso, busca meios de transformar o seu destino, como veremos na análise do conto “*Dos palabras*”, e a mulher que cansada da exploração e do abuso sexual encontra na morte a sua liberdade, abordado no conto “*Walimai*”. As personagens dos contos analisados representam as mulheres que lutam para romper com os padrões sociais e a opressão submetida, em dois períodos da história latino-americana conturbados: o da ditadura e do colonialismo.

Com um traço marcante nos contos em estudo, a representação da mulher através da interdisciplinaridade proposta durante o desenvolvimento do trabalho, a escritora Isabel Allende procura dar voz àquelas mulheres silenciadas por muito tempo, as quais se tornaram protagonistas da sua história regada pelo cenário desigual, majoritário, submisso e deprimente que estão sujeitas.

3.1 DOS PALABRAS

O conto ‘*Dos palabras*’ é uma história simples. Contudo, muito bem narrada. É um conto narrado em terceira pessoa, cujos personagens com presença marcante apresentados na narrativa são três: Belisa Crepusculario como a protagonista, o Coronel como o co-protagonista e o Mulato como o antagonista. No cenário ao qual se desenrola o conto, são

apresentados os aspectos sociais destacados que retratam a seca que resulta em diversos problemas sociais, como, a pobreza, a fome, a miséria e a prostituição à qual a protagonista estava fadada.

A princípio, Belisa é uma personagem que nasce sem uma verdadeira identidade, fruto da miséria humana, via a vida chegar e partir em um fluxo inflexível. Até que um dia, Belisa descobre que a vida não é uma simples correnteza entre nascer e morrer. “Empregando-se uma linguagem comum, depurada de todo artificialismo, nos são contados os fatos da vida de uma garota [...] que, neste continente, vivem em condições de miséria” (FLECK; RIBEIRO, 2011, p. 168), mas que através das palavras e da arte de contar e produzir histórias, Belisa moldou a sua própria vida.

Belisa Crepusculario nasceu na pobreza e em um ambiente inóspito, passou os primeiros anos da sua vida se preocupando com a sobrevivência. Até que uma seca devastadora no local onde mora, a força a buscar refúgio em outro local. As circunstâncias enfrentadas por Belisa, a faz defrontar um novo dilema: para uma mulher pobre da América Latina, lhe foram relegadas três escolhas: ela pode se casar; tornar-se uma empregada; ou tornar-se uma prostituta.

Todavia, o vento resolveu dar a Belisa, uma quarta opção e lhe envia uma página de jornal a seus pés, a analfabeta Belisa descobre que os rabiscos no papel são palavras. À luz desta descoberta, ela renuncia aos ditames da sociedade e, vendo as infinitas projeções do seu empreendimento, “pagó veinte pesos a un cura” (ALLENDE, 2003, p. 11) para ensiná-la a ler e escrever. “Tenía el nombre de Belisa Crepusculario, pero no por fe de bautismo o acierto de su madre, sino porque ella misma lo buscó hasta encontrarlo y se vistió con él. Su oficio era vender palabras” (ALLENDE, 2003, p. 10).

E no algo a mais que a vida representa, se dá o nome de Belisa Crepusculario, ao qual, com este nome, ela pode sobreviver, existir e extrair dele as forças necessárias para construir sua própria, autêntica e singular história de vida (FLECK; RIBEIRO, 2011).

As marcas são claras: Belisa vem de bélico e é um anagrama de Isabel (Bel+Isa), o que faz da personagem uma representação da própria autora e Crepusculario vem de crepúsculo (início da noite x final do dia ou ao contrário). Esta é a armadura que a protegerá ao longo de toda a sua vida. A ação de nomear-se revela a vontade consciente da personagem de transformar a sua existência e, assim, passar a agir em conformidade com seu novo estado. Sair do completo anonimato para passar a fazer parte da história, construindo uma existência mais digna (FLECK; RIBEIRO, 2011, p. 169).

Como Isabel Allende, *Belisa Crepusculario* é feita de tinta sobre o papel, que aprendeu a viver por si só, e a lutar para construir o seu destino, cativando os leitores com suas histórias, mudando a sua história. Conforme Navarro (1995, p. 21), “o que realmente importa é a forma como essas mulheres adquirem voz para escrever suas histórias”, esta voz singular ou plural que irá subverter os relatos ficcionais dos escritores masculinos.

Armada com uma nova habilidade, Belisa memoriza o dicionário do começo ao fim e começa ganhar a vida vendendo palavras e histórias de cidade em cidade. Ela entrega mensagens pagas, escreve cartas de amor ou insultos e para cada “cincuenta centavos” (ALLENDE, 2003, p. 13) pagos em um serviço, o cliente recebe uma palavra secreta a ser usada apenas por aquele indivíduo para conforto e felicidade.

Se esse fosse o final do conto, o sucesso de Belisa poderia ser considerado um triunfo feminista na medida em que ela superou as expectativas de a sociedade para obter educação e iniciar um negócio. Contudo, o conto também é sobre o poder que Belisa encontra por entre sua educação - o poder de usar palavras que podem mudar a sociedade. Nesse caso, é o poder de duas palavras.

As palavras não têm dono e andam soltas, qualquer um pode as possuir e depois vendê-las. Palavras possuem o poder de moldar, incitar, castigar, criar, repreender, libertar, salvar, etc. quando dominadas permitem mudar o teu destino. Como aconteceu com Belisa que ao considerar a sua situação “concluyó que aparte de prostituirse o emplearse como sirvienta en las cocinas de los ricos, eran pocas las ocupaciones que podía desempeñar. Vender palabras le pareció una alternativa decente” (ALLENDE, 2003, p. 11).

O destino de uma mulher advinda de uma origem pobre, sem expectativa de prosperar na sociedade burguesa, era prostituir-se ou trabalhar nas cozinhas dos ricos. Assim, as palavras foram a sua salvação ao ponto em que foram a sua libertação do destino predestinado. Belisa rompe os fios fiados pelas moiras, nesse caso os fios patriarcais, e tece o seu próprio fio de palavras.

A sua força, resistência e rusticidade são demonstradas quando a narradora conta a sua história: “Muchos cayeron por el camino, pero ella era tan tozuda que consiguió atravesar el infierno” (ALLENDE, 2003, p. 10). Belisa demonstra que pode vencer a pobreza e a ignorância do não saber ler, tendo força de vontade, e descobre nas palavras a única forma de sobrevivência para não cair no destino que lhe aguardava a prostituição ou ser empregada doméstica.

Contudo, como em um sistema patriarcal temos posições hierárquicas de poderes, a figura do Coronel retratada no conto, representa a autoridade local que impõe medo e temor,

bem como o seu ajudante, o Mulato, cujas formas de relação social são descritas por meio da violência e opressão sobre o “sexo frágil”, demonstrando-lhe o poder e força que detinham sobre ela, “dos hombres cayeron encima de la mujer atropellando el toldo y rompiendo el tintero, la ataron de pies y manos y la colocaron atravesada como un bulto de marinero sobre la grupa de la bestia del Mulato” (ALLENDE, 2003, p. 11).

Após esse exibicionismo, a conduziram até o Coronel, o qual desejava comprar as palavras de Belisa, para se tornar Presidente. Temendo a brutalidade do Mulato, Belisa aceitou o desafio e começou a escrever o discurso para o Coronel. Belisa:

Descartó las palabras ‘ras y secas, las demasiado floridas, las que estaban desteñidas por el abuso, las que ofrecían promesas improbables, las carentes de verdad y las confusas, para quedarse sólo con aquellas capaces de tocar con certeza el pensamiento de los hombres y la intuición de las mujeres (ALLENDE, 2003, p. 12).

Concluído o discurso, que foi proferido fielmente pelo Coronel nos meses seguintes, antes de partir, Belisa concedeu ao Coronel duas palavras de brinde pelo pagamento do seu serviço. As quais ficaram na mente do Coronel, o enfeitando.

O poder da escrita foi sonogado às mulheres, aquelas que procuravam expor suas ideias logo lhes eram atribuídas nomeações como loucas ou bruxas, porém o longo tempo vivido às sombras não lhes tirou o desejo de romper as barreiras do silêncio e engajar-se na verbalização de sua realidade, encontrando na arte literária um meio de libertação. É por meio da escrita que essas duas protagonistas transformam a realidade e impulsionam uma nova vida (ABREU, 2009, p. 90).

Através do conto, percebemos as práticas de uma realidade em que a pobreza e a ignorância preponderam, cabendo aos mais fortes a sobrevivência. Belisa *Crepusculario* é uma dessas pessoas, mulher, pobre e sem família, que luta, persiste e resiste ao destino que lhe aguardava, Belisa trabalha e sobrevive vendendo não apenas palavras, mas esperança aqueles que a escutam, concedendo duas palavras que devem ser guardadas em segredos.

Isabel Allende, através de Belisa, nos demonstra que as palavras têm o dom de enfeitar e o poder de libertar aquelas predestinadas a uma vida submissa ao sistema patriarcal, retratando a mulher humilde e sofrida pela seca e pobreza, que faz da sua existência uma luta diária pela sobrevivência.

Sua coragem transforma-se em determinação e força de vontade para buscar e construir sua identidade e dignidade, através da venda das palavras. Belisa *Crepusculario* escolheu o seu próprio nome e viveu a sua própria história. Uma mulher representada em sua

realidade, sem ficção ou ilusório imaginário. Uma mulher que aprende a ler e escrever quando adulta, apaixonada-se pelas palavras e faz delas seu ofício.

Uma mulher com atitude estratégica ao oferecer duas palavras como ‘brinde’, menosprezado pelos homens, que viram essas palavras como um feitiço, e está audaz performance de Belisa, a transforma em uma empreendedora com espírito visionário e criativo, que lhe permitiu superar as adversidades com resiliência.

Estampa a mulher latino-americana, que foi forjada na pluralidade cultural, miscigenada historicamente e que tende a ser representada na literatura feminina como protagonista da sua história, exercendo o papel de dominadora e não dominada pelo sistema patriarcal.

3.2 *WALIMAI*

Por um bom tempo na história da América Latina, o índio tem sido deixado nas entrelinhas dos relatos históricos, caracterizado como o selvagem que acabou dominado pelos colonizadores. O papel coadjuvante do indígena foi enfatizado, ao invés de caracterizá-lo como protagonista da história da América Latina.

“É de esperar que todos os índios, culturalmente virgens, página em branco à espera da inscrição espanhola e cristã, sejam parecidos entre si” (TODOROV, 1999, p. 22). Páginas que seriam rabiscadas conforme a visão de Colombo os indígenas foram caracterizados como bons/maus, que não dizem nada além da dependência do ponto de vista de cada um para caracterizar o índio (TODOROV, 1999).

Desde os primórdios da colonização, os indígenas eram explorados e doutrinados, passando a ser considerados como súditos da Coroa e tratados desumanamente. Vistos como selvagens que deveriam ser domados, e usados para ‘trabalhar’ na extração, a resistência do indígena contra os europeus foi sendo resilida. Em outras palavras, domar o índio seria, apagar a sua identidade e generalizar a sua cultura para serem inseridos no modelo europeu de viver (MALHEIROS, 1867).

Com uma roupagem literária poetizada dos fragmentos da realidade através de episódios históricos que marcaram a vida dos personagens nativos latino-americanos, em seu conto *Walimai*, Isabel Allende dá voz aos sujeitos invisíveis na historiografia oficial latino-americana, ancorando sua narrativa em contextos sociais complexos provocados pelo contato dos nativos com os colonizadores (MARRA, 2015).

Em Walimai, Allende retoma o passado e reavalia criticamente como o nativo era visto e tratado, conduzindo o enredo do período de colonização e a reafirmação de diferentes visões de mundo e valores, apresentando “um discurso que pode se diferenciar das narrativas oficiais, pois se propõe fazer literatura, ficção. [...] de fatos de um passado que podemos afirmar categoricamente ter existido de fato” (MARRA, 2015, p. 3).

O conto narrado em primeira pessoa é apresentado por um nativo latino-americano da tribo dos ‘*Hijos de la Luna*’, no qual a narradora Eva Luna, narra a história de Walimai.

No conto Walimai a narradora Eva Luna conta a história de um sujeito nativo por meio de uma descrição minuciosa do episódio e os valores culturais e morais que orientaram o personagem título em suas ações para libertar uma menina indígena vítima da desonra, da degradação, da exploração e da violência sexual. O texto aponta diferenças entre os europeus e os povos que desde tempos imemoriais habitam este continente que hoje chamamos de América (MARRA, 2016, p. 94).

No início do conto, Walimai se mostra indignado com a forma de tratamento dos europeus, ao nomear e chamar uns aos outros pelos seus próprios nomes. “No entiendo la facilidad de los extranjeros para llamarse unos a otros sin asomo de temor, lo cual no sólo es una falta de respeto, también puede ocasionar graves peligros” (ALLENDE, 2003, p. 56). Mas o que é um nome afinal de contas? Você não pode segurá-lo, sentir o seu cheiro ou acariciá-lo, porém, para os *Hijos de la Luna* o nome representa a alma do ser, a sua força vital, por isso devemos ter cuidado ao proferir os nomes das pessoas e dos seres vivos “porque al pronunciarlos se toca su corazón y entramos dentro de su fuerza vital” (ALLENDE, 2003, p. 56).

Uma palavra que carrega o poder do espírito e cordialidade entre as pessoas, que demonstra o afeto e a importância entre saber e proferir um nome. Valores ancestrais que lhes foram passados por gerações, e a chegada do novo os fazem questionar qual o significado de civilidade destes que atravessaram o continente para dominar a América.

Tzvetan Todorov (1999) interpõe que ao tentarmos falar do outro usamos o nosso próprio ponto de vista para descrevê-lo, porque há em nós também uma parte do outro. Para os índios o ato de nomear e chamar os outros pelo nome expressa respeito, proximidade e afeto. Enquanto que para os colonizadores os nomes devem denotar a qualidade e a representação do ser ou da coisa que quer designar, como uma característica de dominação. Assim, “os nomes próprios constituem um setor muito particular do vocabulário: desprovidos de sentido, servem somente para denotar, mas não servem, diretamente, para a comunicação humana” (TODOROV, 1999, p. 18).

O sociólogo Max Weber denota que as relações sociais se estabelecem por meio da dominação em que uma pessoa encontra na outra, uma oportunidade para fazer com que ela obedeça a suas determinadas ordens (BARBOZA, 2009). Destarte, o conto Walimai vai se estruturando, uma espécie de domínio e supremacia do ‘homem branco’ vai se instalando, e as divergências culturais vão se apresentando.

Durante o conto é ressaltado que Walimai não entende os motivos que conduzem as ações dos colonizadores, o desrespeito com os valores, tradições e costumes, descrevendo as diferenças existentes entre os nativos e os ‘invasores’.

No se vestían de aire, como nosotros, sino que tenían unas ropas empapadas y hediondas, eran sucios y no conocían las reglas de la decencia, pero estaban empeñados en hablarnos de sus conocimientos y de sus dioses. Los comparamos con lo que nos habían contado sobre los blancos y comprobamos la verdad de esos chismes. Pronto nos enteramos que éstos no eran misioneros, soldados ni recolectores de caucho, estaban locos, querían la tierra y llevarse la madera, también buscaban piedras. Les explicamos que la selva no se puede cargar a la espalda y transportar como un pájaro muerto, pero no quisieron escuchar razones. Se instalaron cerca de nuestra aldea. Cada uno de ellos era como un viento de catástrofe, destruía a su paso todo lo que tocaba, dejaba un rastro de desperdicio, molestaba a los animales y a las personas. Al principio cumplimos con las reglas de la cortesía y les dimos el gusto, porque eran nuestros huéspedes, pero ellos no estaban satisfechos con nada, siempre querían más, hasta que, cansados de esos juegos, iniciamos la guerra con todas las ceremonias habituales. No son buenos guerreros, se asustan con facilidad y tienen los huesos blandos. (ALLENDE, 2003, p. 57).

Enquanto os nativos tratavam com hospitalidade os europeus, estes só causaram destruição, não demonstraram possuir valores morais ou respeito para com a natureza. Feito furacão, os europeus tentaram apagar os valores culturais e tradicionais que serviram de base para a miscigenação ideológica/cultural da formação da América Latina. Porque era costume “*saltear e roubar os gentios de paz por diversos modos, atraindo-os enganosamente, e indo depois vendê-los, até aos seus próprios inimigos [...]*” (MALHEIROS, 1867, grifo do autor). Mostrando a diferença de visões de mundos relatados.

Através da perspectiva de Walimai, o conto nos traz uma concepção de liberdade e justiça diferentes das concepções morais dos colonizadores que mantinha aprisionada uma mulher, “de la tribu de los Ila, los de corazón dulce, de donde vienen las muchachas más delicadas” (ALLENDE, 2003, p. 58). Sem nenhum respeito ou consideração para com a jovem indígena, ela era explorada sexualmente pelos seringueiros do acampamento de soldados, ao qual Walimai após ter sido apanhado pelos soldados foi forçado a trabalhar como seringueiro sem considerarem a sua vontade ou liberdade (MARRA, 2015).

Yo la reconocí a pesar de su aspecto de lagarto, porque mi madre también era una Ila. Estaba desnuda sobre un petate, atada por el tobillo con una cadena fija en el suelo, aletargada, como si hubiera aspirado por la nariz el “yopo” de la acacia, tenía el olor de los perros enfermos y estaba mojada por el rocío de todos los hombres que estuvieron sobre ella antes que yo. Era del tamaño de un niño de pocos años, sus huesos sonaban como piedrecitas en el río. Las mujeres Ila se quitan todos los vellos del cuerpo, hasta las pestañas, se adornan las orejas con plumas y flores, se atraviesan palos pulidos en las mejillas y la nariz, se pintan dibujos en todo el cuerpo con los colores rojo del onoto, morado de la palmera y negro del carbón. Pero ella ya no tenía nada de eso. Dejé mi machete en el suelo y la saludé como hermana, imitando algunos cantos de pájaros y el ruido de los ríos. Ella no respondió. Le golpeé con fuerza el pecho, para ver si su espíritu resonaba entre las costillas, pero no hubo eco, su alma estaba muy débil y no podía contestarme. En cuclillas a su lado le di de beber un poco de agua y la hablé en la lengua de mi madre. Ella abrió los ojos y miró largamente. Comprendí (ALLENDE, 2003, p. 58, grifo da autora).

Sem conseguir compreender a razão da profanação vista, o que sequência este relato é a ação de Walimai, que objetivando libertar a pequena indígena prostituída e explorada sexualmente, ele a mata, resgatando a sua alma da prisão ao qual seu corpo foi condenado.

O conto não fala a respeito de um assassinato cometido por um selvagem, mas de um herói, que ao agir em defesa da honra da pequena indígena, ele a matou para libertá-la, destarte, “a morte é vista como libertadora da violência sofrida. Para muitos povos, esta é a única maneira de purificação da alma de quem teve o corpo profanado” (MARRA, 2016, p. 96).

Não sendo mais possível resgatar o corpo que diante de tanto abuso e violência estava fragilizado, sendo a única alternativa encontrada por Walimai, libertar o espírito da pequena mulher Ila.

O conto sugere que Walimai age atendendo a um pedido da menina Ila. Ela só consegue o olhar, após sua insistência em tentar se comunicar. Seu olhar parece a súplica de um ser cansado, abatido. Ele apenas diz “Compreendi”. Os Ila, se comunicam com todo o corpo, uma troca de olhar foi suficiente.

A consciência do herói encontra-se fortemente polarizada pela realidade alucinante da morte, pelo sentimento da presença da morte na vida. Obrigada a prostituir-se a menina vive um aniquilamento físico que promove também um aniquilamento espiritual e é desta condição que Walimai pretende libertá-la (MARRA, 2016, p. 96).

Ao libertar a pequena Ila da prisão do seu corpo violado, Walimai passa a carregar o espírito da indígena junto ao seu, “de inmediato sentí que el espíritu se le salía por las narices y se introducía en mí, aferrándose a mi esternón.” (ALLENDE, 2003, p. 59). Vista como descanso e retorno ao vale das almas, a morte era o desejo da mulher prostituída, significava o seu retorno ao mundo espiritual, visto que o mundo dos homens lhe foi cruel (MARRA, 2016).

O conto nos traz a reflexão de como às duas sociedades veem o sexo e a prostituição retratada durante o conto. Não referenciando apenas a prostituição, mas a violência, o estupro coletivo e a exploração sexual de mulheres indígenas cujo processo de desumanização do corpo e do conhecimento indígena, diante do processo de colonização contribui para que a violência sexual contra mulheres indígenas ficasse invisível na história da América Latina.

Ser índio, e ainda por cima mulher, significa ser posto, automaticamente, no mesmo nível que o gado.

As mulheres: se Colombo só se interessa por elas enquanto naturalista, o mesmo não acontece com os outros. Vamos ler o relato que Michele de Cuneo, fidalgo de Savona, faz de um episódio da segunda viagem - uma história entre mil, mas que tem a vantagem de ser contada por seu protagonista. "Quando estava na barca, capturei uma mulher caribe belíssima, que me foi dada pelo dito senhor Almirante e com quem, tendo-a trazido à cabina, e estando ela nua, como é costume deles, concebi o desejo de ter prazer. Queria pôr meu desejo em execução, mas ela não quis, e tratou-me com suas unhas de tal modo que eu teria preferido nunca ter começado. Porém, vendo isto (para contar-te tudo, até o fim), peguei uma corda e amarrei-a bem, o que a fez lançar gritos inauditos, tu não terias acreditado em teus ouvidos.

Finalmente, chegamos a um tal acordo que posso dizer-te que ela parecia ter sido educada numa escola de prostitutas." (TODOROV, 1999, p. 28-29 grifo do autor).

Esta narrativa nos revela que ao achar as mulheres indígenas bonitas, e conseqüentemente sentir o desejo em tê-la, não lhe ocorreu o discernimento de pedir a mulher indígena o consentimento para "pôr seu desejo em execução" (TOROROV, 1999, p. 29). O ato dela se defender a torna prostituta, porque ao recusar violentamente o pedido sexual, lhe assimilaram a quem faz dessa solicitação uma profissão.

Ao abordar este tema, Allende está dando voz a um povo menosprezado pela historiografia, que além de ter as suas terras invadidas também teve o seu corpo invadido. Sequelas esquecidas na história do "descobrimento" foram deixadas, e assim fomos conduzidos ao pensamento de que as mulheres estão à serventia do homem, onde o corpo da pequena indígena deveria satisfazer os desejos mais profanos dos exaustos seringueiros.

En un extremo del campamento habían instalado una choza grande donde mantenían a las mujeres. Después de dos semanas trabajando con el caucho, el capataz me entregó un trozo de papel y me mandó donde ellas. También me dio una taza de licor, que yo volqué en el suelo, porque he visto cómo esa agua destruye la prudencia. Hice la fila, con todos los demás. Yo era el último y cuando me tocó entrar en la choza, el sol ya se había puesto y comenzaba la noche, con su estrépito de sapos y loros (ALLENDE, 2003, p. 58).

O corpo feminino no acampamento de escravos se tornou o pagamento simbólico pelo enclausuramento desses seringueiros. Uma ausência presente no imaginário colonial reforça

cada vez mais que os povos indígenas estão desaparecendo e com eles os valores, tradições e culturas. Transformando o corpo da mulher indígena em objeto de prazer para os trabalhadores.

Porque no imaginário colonial, “os corpos dos índios também estavam eminentemente poluídos com o pecado sexual” (SMITH, 2014, p. 198). Já que os corpos indígenas estão poluídos, são considerados “sexualmente violados e “estupráveis”, e o estupro de corpos considerados inerentemente impuros ou sujos simplesmente não conta” (SMITH, 2014, p. 199, grifo da autora).

Estabelece uma ideologia de que se as terras indígenas são naturalmente violáveis, os corpos indígenas também são naturalmente violáveis. Em consequência dessa ideologia e do abuso de seu corpo, a alternativa encontrada pela pequena índia Ila foi suplicar a sua morte, pois só na morte viria a sua libertação.

Allende busca com este conto despontar uma importante discussão, a história da violência sexual e do genocídio contra as mulheres indígenas, ilustrando como a violência gendrada, ou seja, a hostilidade seguindo as normas do ser homem ou do ser mulher, em geral, funciona como um instrumento de racismo e colonialismo entre as mulheres de cor (SMITH, 2014).

Em contraste com a forte natureza patriarcal das sociedades europeias antes da colonização, as sociedades indígenas, em sua maioria, não eram dominadas pelos homens. As mulheres atuavam como líderes espirituais, políticas e militares, e muitas sociedades eram matrilineares. Mesmo havendo uma divisão de tarefas entre homens e mulheres, ao trabalho da mulher e ao trabalho do homem era concedido o mesmo status. Como os homens e as mulheres vivam em harmonia, as sociedades indígenas eram, por consequência, muito menos autoritárias que suas correlatas europeias (SMITH, 2014, p. 208).

Tendo por direito de nascença desfrutar a liberdade quando presos no seringal, tanto Walimai quanto a indígena da tribo Ila perderam a sua conexão com o seu povo e assim paulatinamente seu espírito foi esvaindo, até que chegou o momento em que a única gota de vida restante na indígena foi a sua súplica de morte.

O seringal, que abastece de látex a indústria, está atrelado aos ideais de progresso da civilização capitalista. A menina indígena amarrada pelos tornozelos presa ao chão era usada por homens organizados em uma fila. A violência sexual contra a criança fazia parte dos divertimentos ao final de uma semana de trabalho dentro da floresta. É como se fizesse parte das etapas na linha de produção (MARRA, 2016, p. 100).

Desse modo, o corpo da mulher se objetifica a fantasia do prazer do ato sexual, sem se importar com o quê cada abuso representava para aquela mulher/criança indígena do povo Ila.

Brincaram com o corpo dela como se brinca com um objeto que permaneceria intacto após recorrentes violações.

Ela se tornou um puro meio de prazer para os seringueiros, que por acreditarem estar exercendo seu direito de trabalhador, após árduas semanas de trabalho só querem se divertir, e negligenciam os aspectos considerados sagrados e profanos que suas ações podem representar para outros indivíduos e comunidades (MARRA, 2016).

A prostituição costuma fazer parte deste cenário e junto com ela a exploração sexual de crianças. Esta infelizmente não é uma questão apenas ficcional é uma realidade que conta com uma vasta rede de aliciadores, sequestradores, agenciadores e em maior número quem sustenta toda a cadeia: os clientes. Está presente em grandes obras estatais e da iniciativa privada, mas este é um tema ao mesmo tempo naturalizado e silenciado. Ao tornar tabu o tema da prostituição e da exploração sexual de crianças, a sociedade faz uma dupla negação da violência (MARRA, 2016, p. 101).

Através do conto Walimai, vemos que a pequena indígena teve a sua autoestima ferida diante das humilhações vividas, além da violência sexual ao qual estava exposta, ela também estava sujeita à violência física e à violência psicológica, fortalecendo a posição de submissão da personagem, que diante da forma brutal que era abusada e os traumas causados por seus agressores, sua única saída foi implorar pela morte.

Isabel Allende nos coloca questões relativas aos direitos universais à vida, à liberdade e à dignidade. Allende constrói uma narrativa atrelada em contextos sociais complexos, deixando explícitos os conflitos provocados pelo contato entre os nativos e os colonizadores. Enfatiza as divergências entre os padrões morais dos povos indígenas e o espírito capitalista dos europeus. Seu conto Walimai nos revela memórias, significados, valores, símbolos e práticas que conferem a identidade dos latino-americanos/as.

3.3 DORES E REAÇÕES: O PROTAGONISMO FEMININO

Perante o conto Waliami vimos que o enclausuramento gradativamente causa o definhamento do espírito do homem tido como guerreiro, mas, o que ocorre com o espírito da mulher que desde o útero tem a vida padronizada e a sua sentença de submissão assinada?

Ao longo de muitas épocas toda expressão de poder feminino acabava em punição e opressão, marginalizadas pela sociedade e estigmatizadas de bruxas, por agirem contra o tradicional e questionar o sistema, elas eram perseguidas, agredidas e queimadas, por serem basicamente do sexo feminino.

Cessado o genocídio praticado contra o sexo feminino durante a Idade Média, na perseguição conhecida como “caça às bruxas”, os códigos de conduta a esfera feminina começaram a surgir. Códigos estes que continham regras específicas sobre como ser mulher tanto dentro quanto fora da família. Evidenciando a inferioridade da mulher perante o homem (FEDERICI, 2017).

As mulheres eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras. A língua feminina era especialmente culpável, considerada um instrumento de insubordinação. Porém, a principal vilã era a esposa desobediente, que, ao lado da “desbocada”, da “bruxa” e da “puta”, era o alvo favorito de dramaturgos, escritores populares e moralistas (FEDERICI, 2017, p. 202).

A definição das mulheres como bruxas ou seres demoníacos e as práticas severas e humilhantes às quais muitas mulheres foram submetidas, deixaram marcas em sua psique coletiva. “De todos os pontos de vista - social, econômico, cultural, político -, a caça às bruxas foi um momento decisivo na vida das mulheres” (FEDERICI, 2017, p. 203), ao exercer o papel principal da sua nova função social, ocasionando a degradação de sua identidade social, o papel de submissas e propensas ao controle sobre o seu corpo, sua sexualidade, seus desejos, suas vontades, seus sonhos, sua vida por si mesmas. O preço da resistência era sempre o extermínio ou enclausuramento (FEDERICI, 2017).

Não sendo exagero dizer que a mulher era tratada com a mesma hostilidade e senso de distanciamento que se concedia aos índios na literatura produzida depois da Conquista do “Novo Mundo”.

Em ambos os casos, a depreciação literária e cultural estava a serviço de um projeto de expropriação. Como veremos, a demonização dos povos indígenas americanos serviu para justificar sua escravização e o saque de seus recursos. Na Europa, o ataque contra as mulheres justificou a apropriação de seu trabalho pelos homens e a criminalização de seu controle sobre a reprodução (FEDERICI, 2017, p. 203).

Atualmente, um dos aspectos mais significativos da crítica feminista dedica-se à representação da mulher e à problematização da cultura patriarcal na literatura escrita por mulheres. Há escritoras que conseguem romper com a construção da mulher como o segundo sexo, o que acaba por promover a ruptura da narrativa patriarcal tanto nos limites temáticos quanto estruturais.

Do ponto de vista teórico, a literatura de autoria feminina precisa criar dentro do universo da literatura um lugar em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, que constituem um olhar da diferença. O feminismo não deve ser confundido com uma tentativa de

privilegiar o feminino sobre o masculino, mas revelar o estado em que a mulher se encontra na sociedade, o que é o caminho para o desmantelamento da ideologia patriarcal. O feminismo discute os aspectos da vida social relacionados à família, ao trabalho, à sexualidade, como também sobre como os sujeitos são formados no gênero, isto é, como os seres humanos se constituem como homens e mulheres (ABREU, 2009, p. 91).

A literatura feita por mulheres envolve a conquista da identidade e da escrita, vencidas as subordinações de uma ideologia que a manteve nas margens da sociedade e da cultura.

Superadas as necessidades de usar pseudônimo masculino e o anonimato para mascarar a representação da mulher descrita por outra mulher, a literatura e escrita feminina engajam-se, hoje, num processo de reconstrução da identidade da “mulher” e da recuperação de experiências silenciadas pela tradição cultural dominante (TEIXEIRA, 2009).

É nesses termos que o fazer literário se inscreve, com seu potencial reflexivo não apenas sobre a mulher descrita na literatura de domínio masculino, como também ao abordar temas universais criados a partir do meio social do qual se origina e das condições antropológicas, socioeconômicas e culturais.

Ao representar a figura feminina, constrói-se, projeta-se e estabiliza-se a identidade social, em processos definidos histórica e culturalmente. As práticas sociais de representação vigentes de uma certa época se cristalizam em formas textuais. É possível associar as representações às ordens de discurso a que estão genealogicamente relacionadas e, também, a outros discursos que circulam na sociedade. As práticas discursivas, além de sua dimensão constitutiva na construção social da realidade, constituem também ação social (TEIXEIRA, 2009, p. 85-86)

Neste sentido, diante da quebra de paradigmas das personagens femininas de Allende, estas passam a se empoderar e reconstruir sua identidade, ao passo em que desconstruem os preconceitos que lhe haviam sido impostos pela sociedade patriarcal.

Em “*Dos palabras*”, nos deparamos com uma mulher que vai contra o destino que lhe aguardava para criar o seu próprio destino, através das palavras ela ganha a sua liberdade e independência, o poder de sedução provocado pelos vocábulos pensados, escritos e falados por ela, lhe gerou a característica de “bruxa”, pois o poder nas mãos das mulheres era represado, ainda mais quando detinha domínio sobre o homem, fugindo do padrão societário.

Em “*Walimai*”, vemos uma mulher imposta a um destino que não lhe foi reservado, uma mulher transformada em brinquedo para saciar a vontade dos trabalhadores explorados. Escravidão e exploração sexual, este foi o destino imposto para pequena indígena da tribo Ila. Este conto não retrata apenas períodos esquecidos da nossa história colonial, mas revela um

fato presente até hoje, o abuso e exploração sexual de crianças, adolescentes, adultas e idosas, descrevendo a mulher como presa e serva desta volúpia sociedade.

Ao contrário de Belisa onde as palavras representaram a sua liberdade, para a pequena indígena da tribo dos Ila, a morte caracterizou a sua liberdade. Apesar das diferenças, os dois contos de Isabel Allende aqui analisados, apresentam personagens femininas fortes.

Temos a mulher que constrói seus valores em um cenário desfavorecido, que pode contornar e criar seu próprio destino, e a mulher que mesma abatida encontra forças para um último desejo: liberdade, porque “la vida es un regalo de los dioses” (ALLENDE, 2003, p. 58) e a liberdade para ser você mesma é uma escolha que deve ser feita por cada mulher e não imposta social e culturalmente.

Mulheres de espíritos livres são as mulheres representadas por Isabel Allende em suas obras, cujo discurso se mostra livre dos estereótipos societários impostos às mulheres, constrói em seus contos a representação da mulher protagonista, sujeito de sua própria história, cujas personagens apresentadas nos contos, retratam mulheres que lutam para desconstruir os padrões impostos pela sociedade em um período no qual estão sujeitas a opressão e o preconceito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, as mulheres ficaram marcadas por uma escrita oculta de diversas formas. Algumas utilizaram pseudônimos masculinos para esquivar-se da crítica dos leitores e para se protegerem da opinião pública. Outras escreveram à sombra dos homens, permitindo serem sufocadas por estes, pois as relações sociais e familiares hierarquizadas não incentivavam o surgimento de outro escritor na família, em especial se for do gênero feminino.

Ao pensarmos na tradição canônica literária, é importante assinalar que a história da literatura é uma história de valores que a cada época confere os valores e objetos de representação da mulher, atrelados aos paradigmas relacionados às distintas épocas e hierarquização das relações sociais e os papéis desempenhados pelo homem e pela mulher na sociedade.

Mais do que criar dentro do universo literário um local em que a mulher expresse a sua sentimentalidade, a partir da visão do sujeito protagonista que olhe para a diferença que a constitui enquanto mulher. Revelando a representatividade da mulher na sociedade, ao qual é o caminho para o desmonte da ideologia patriarcal.

A literatura e a escrita feminina discutem os aspectos da vida relacionados à família, à sexualidade, à independência, aos desejos ocultos e como os seres humanos se constituem como homens e mulheres. Não sendo uma característica inata, mas flexível, pois entre o ser e estar estamos nos moldando cada vez que atingimos nos autoconhecemos.

Neste exercício de questionamento, o diálogo teórico proposto especialmente fora do contexto literário, que resultou em um questionamento que revisita as posturas tradicionais de gênero no imaginário literário para a problematização da representação da mulher, dentro e fora das páginas rabiscadas.

Revela que cada linha contém uma entrelinha e a estrutura narrativa do conto com base na tipologia narrativa e a presença de personagens, narrador, espaço, tempo, enredo e conflito denota a necessidade do estudo interdisciplinar destes contos para que possamos compreender a sociedade da época idealizada e a crítica social por trás dessa idealização escrita pelos(as) detentores(as) das palavras.

As mulheres retratadas por Isabel Allende, em suas obras literárias, conseguem ver o mundo externo (social, político e religioso) na sua totalidade e buscam ser protagonistas da sua própria história. A utilização dos códigos na narração dos contos chama a atenção do leitor, pois nos faz ir da sedução à libertação através das palavras. E, após a fascinação do

primeiro contato, somos levados à complexidade das peripécias literárias propostas pela autora em suas obras.

Para construir os seus textos, Allende parte de suas referências, de suas leituras e de suas vivências para construir suas narrativas e apresentar a América Latina e os/as latino-americanos/as ao mundo. Sua literatura e escrita têm o papel de ensinar e produzir narrativas que influenciam outros(as) leitores(as) e escritores/as em representação de mulher. Sua obra mais recente “*Mujeres del alma mía*” (2020) nos oferece a sua relação com o feminismo desde a infância e o seu processo em fazer-se mulher que resultou nas representações femininas contidas em suas obras publicadas.

Tanto nos contos analisados quanto nas demais obras de Allende, a sua escrita eleva a nossa reflexão para o contexto que não está escrito na história: quantas mulheres foram oprimidas ao longo dos séculos? Quantas mulheres tiveram que se contentar com a satisfação do marido e esqueceram-se de si? Quantas mulheres viveram e vivem em nome do lar? Quantas indígenas foram sexualmente abusadas e exploradas durante a colonização? Quantos genocídios/homicídios de mulheres foram provocados em nome do progresso e da virilidade masculina? Até quando as mulheres terão que se submeter a esta ordem patriarcal de domínio e poder? Quantas vozes foram/serão silenciadas?

Os rabiscos latino-americanos sob o viés do cânone literário masculino se esqueceram de retratar a América Latina forjada em sua fragilidade, vulnerabilidade e realidade social, em que as atrocidades decorridas da violência sofrida pelas mulheres em todos os seus aspectos (física, psicológica, sexual, patrimonial e moral) foram passadas a borracha ao longo da história. E, à mulher idealizada a submissão, foi dado o protagonismo nas narrativas de autoria feminina.

Portanto, Isabel Allende em sua obra “*Cuentos de Eva Luna*” nos traz a mulher em sua imperfeita descrição, a mulher burguesa, a mulher pobre, a mulher branca, a mulher negra, a mulher indígena, a mulher livre e independente que se revolta contra o sistema patriarcal, que ao se descobrir e se inserir dentro desse sistema nos dá outra perspectiva da mulher fora da caixa do cânone literário.

A mulher que com seu útero errante ergueu a voz e tornou-se protagonista da sua história. A mulher imperfeita com desejos ocultos. A mulher que nasceu para ser livre. A mulher que mesmo sendo mãe tem sonhos. A mulher que quer dominar o mundo. A mulher que é delicada e forte em simultâneo. A mulher que não nasceu mulher, mas se tornou mulher que a cada instante muda a sua visão de mulher e assim se descobre neste contexto patriarcal

machista. Na escrita de Isabel Allende, a mulher ganhou voz e se tornou protagonista da sua história.

REFERÊNCIAS

ABREU, Aline Letícia Rech de. **Eva Luna e Cuentos de Eva Luna: da fascinação da palavra à representação da mulher** / Aline Letícia Rech de Abreu. – 2009. Dissertação (mestrado) Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade.

ALLENDE, Isabel. Dos palabras. In: _____. **Cuentos de Eva Luna**. Buenos Aires: Debolsillo, 2003, pp. 10-14.

ALLENDE, Isabel. Walimai. In: _____. **Cuentos de Eva Luna**. Buenos Aires: Debolsillo, 2003, pp. 56-60.

BARBOZA, Sergio de Goes. **Sociologia: serviço social** / Sergio de Goes Barboza. –São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

BBVA APRENDEMOS JUNTOS. **“Falta mucho para tener un mundo verdaderamente igualitario”**. Isabel Allende, escritora. 2020. (24m02s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-NbpDRNS5kM>>. Acesso em: 14 de out. de 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 17ª ed. Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Coletiva Sycorax. São Paulo: Elefante. 2017.

FLECK, Gilmei Francisco; RIBEIRO, Bruna Otani. **Análise interpretativa dos elementos da narrativa no conto Duas Palavras**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 03, nº 02, ago/dez, 2011. p.165-183. ISSN: 2176-9125. Disponível em: <<https://www.revlet.com.br/artigos/109.pdf>>. Acesso em 30 de set. de 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 48º ed. rev. São Paulo: Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

GEHRKE, Mirjiam. 1970: Allende é eleito presidente do Chile. **DW Notícias**. Publicado em 04 de set. de 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1970-allende-%C3%A9-eleito-presidente-do-chile/a-952054>>. Acesso em 05 de jun. de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARDIA, Sara Beatriz. *Historia de la Mujer: Revisión historiográfica y tendencias*. In: ANDREO, Juan; Guardia, Sara Beatriz (compilación y edición). **Historia de las mujeres en América Latina**. Perú: Centro de estudios de la mujer en la historia de América Latina, CEMHAL. 2013a. p. 365-373.

GUARDIA, Sara Beatriz. **Literatura e escrita feminina na América Latina**. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p. 15-44, 2013b. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p15/25234>>. Acesso em: 12 de ago. de 2015.

GUERRA, Lucía. **Las topografías de la casa como matriz transgresiva en la narrativa de la mujer latinoamericana**. Montevideo: Universidad Nacional de Colombia, Escuela de Estudios de Género, Grupo Mujer y Sociedad / Corporación Casa de la Mujer de Bogotá, 1999. Disponível em: <<https://bdigital.unal.edu.co/17311/1/lastopogranasdelacasa.pdf>>. Acesso em 10 de set. de 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Ricardo Cruz, Trad. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. Marilda Villela Iamamoto. - 3. ed. - São Paulo, Cortez, 2000.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens / Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

LOBO, Luiza. **Literatura de autoria feminina na América Latina**. Rev. Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>>. Acesso em: 04 de jan. de 2021.

LOBO, Luiza. **Simone Beauvoir e depois**. Revista Gênero. Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG. Niterói, EdUFF, nº 2. p. 30-40. 2000.

MAGNO, Patrícia Carlos. Mulheres, Medida de Segurança e a cegueira do Sistema de Justiça: o papel das Defensorias Públicas. In: PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia. **Luta Antimanicomial e feminismo**: discussões de gênero, raça e classe para a reforma brasileira / organização de Melissa de Oliveira Pereira e Rachel Gouveia Passos. -1 ed. – Rio de Janeiro: Autografia, p. 185-207, 2017.

MALHEIROS, AMP. **A escravidão no Brasil**: ensaio histórico-jurídico-social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1867. vol. 2. 169 p. ISBN: 978-85-7982-073-1.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologias científicas** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARRA, Fabíola Benfica. **A América Latina e os latino-americanos nas narrativas de Eva Luna de Isabel Allende** / Fabíola Benfica Marra. – 2016. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários.

MARRA, Fabíola Benfica. **América Latina entre a ficção e a realidade**. Seminário América Latina: Cultura, História e Política - Uberlândia - MG – 18 a 21 de maio de 2015.

MEMORIA CHILENA. **Isabel Allende (1942-)**. 2018. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-100654.html#presentacion>>. Acesso em 14 de out. de 2020.

MIRANDA GONZALEZ, Maria Antonia. **Gênero e literatura nos contextos imaginados de América Latina: uma leitura política à narrativa de Nélide Piñon e Isabel Allende** / Maria Antonia Miranda Gonzalez. – 2016. 221 f.: il. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nancy Rita Ferreira Vieira. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2016.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v.18, n. 1, p. 49-55, abr. 2006

NAVARRO, Márcia Hope (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRG, 1995.

OLIVEIRA, Juliana Goldfard de. **O erotismo como resistência na poesia em língua portuguesa de autoria feminina**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletronicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

ONGUEDOU, Georges Moukouti. **Modelo de Interrelación Espacios-Personajes en Bendiceme, Última, Nilda e Hija de la Fortuna**. 2009. 327f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidad de Alcalá-Instituto Universitario de Investigación en Estudios Norteamericanos. Alcalá de Henares, 2009.

PIÑÓN, Nélide. **O presumível coração da América**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

REMPEL, Matias. LIEBGOTT, Roberto. Uma realidade perversa e inaceitável. In: CIMI. **Relatório: Violência contra os povos indígenas no Brasil. Dados 2015**. Brasília: Cimi, 2015, pp. 22-28.

ROSSINI, Tayza Nogueira. **A construção do feminino na literatura: representando a diferença**. *Trem de Letras*, v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 jul. 2016.

SANTOS, Bruna Carla dos; BORGES, Erinaldo. **Realismo Mágico e Real Maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana**. *Cadernos ESPUC*. 1º semestre de 2018 – n. 32. p. 20-27.

SIGAL, Lucila. **Escritora Isabel Allende diz que feminismo é revolução irreversível ao apresentar novo livro**. Publicado em 05/11/2020. Disponível em:< <https://www.uol.com.br/splash/noticias/reuters/2020/11/05/escritora-isabel-allende-diz-que-feminismo-e-revolucao-irreversivel-ao-apresentar-novo-livro.htm>>. Acesso em: 28 de fev. de 2021.

SOARES, Luís Eustáquio. Capítulo I: A América Latina na Literatura In: _____. **América Latina, literatura e política: abordagens transdisciplinares** / Luís Eustáquio Soares. - Vitória: EDUFES, 2013. pp. 15-77.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). **O romance na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SMITH, Andrea. **A violência sexual como uma ferramenta de genocídio**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 195-230, jan./jun. 2014.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário**. Guairacá - Guarapuava, Paraná. n.25. p. 81-102. 2009.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIEGAS, Paula; RECUERO, Raquel. **Violência simbólica de gênero na publicidade digital**. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, PR, 2014. pp. 1-15.

VIANNA, Cristina; DINIZ, Gláucia. Gênero, Feminismo e Saúde Mental: implicações para a prática e a pesquisa em psicologia clínica. In: ZANELLO, Valeska; ANDRADE, Ana Paula Muller de. (Orgs). **Saúde Mental e Gênero: Diálogos, Práticas e Interdisciplinaridade**. - Curitiba: Appris, pp. 81-106, 2014.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: cultura e processos de subjetivação** / Valeska Zanello. -1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e história na América Latina: representações de gênero**. MÉTIS: história & cultura – v. 5, n. 9, p. 253-270, jan./jun. 2006.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: Bonnici, T. & Zolin, L. O. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2003.

Woodward, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T. Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.